Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 288
Mês: Fevereiro
Ano: 2023
Preço: R$ 5,00

ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

O *(in)*vento da memória de Carlos Nejar

Nesta segunda edição de 2023, celebramos o passar dos anos do imortal Carlos Nejar, ilustre capricorniano, que completou 30.660 dias de vida, no dia onze de janeiro. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Editorial

Conheço Carlos Nejar há muitos anos. Embora seja gaúcho de nascimento, ele morou um bom tempo em Vitória (ES) e depois no Rio de Janeiro, com a sua esposa Elza. A sua inspiração de bom poeta jamais arrefeceu e ele tem produzido intensamente, o que é muito bom para a nossa cultura. Neste número, homenageamos o acadêmico, enfatizando a sua reconhecida obra. Fazemos também menção à jornalista Natuza Nery, que nos deu uma bela entrevista sobre as suas atividades na Globonews. É muito intensa a atividade jornalística da estimada apresentadora. Ela faz sucesso no seu trabalho. No mais, as seções de sempre, que fazem a alegria dos nossos leitores.

O EDITOR.

Com raro e precioso acervo histórico local, foi inaugurado o Centro de Cultura de Palmeira dos Índios, em Alagoas, presidido por Ivan Barros.

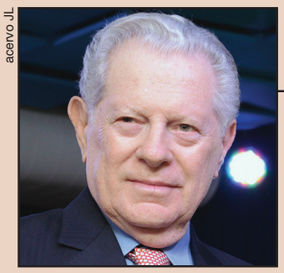
Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião Arnaldo Niskier


acervo JL

A vez da educação

Com o expressivo título "O céu e o inferno da Internet", Maurício Dinepi fez uma esclarecedora palestra no Conselho de Notáveis da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Com a autoridade de um grande conhecedor da matéria, ele afirmou que, até 2029, o 5G estará em todas as cidades brasileiras. A se confirmar esse fato, espera-se que haja também um grande benefício para a nossa educação, pois isso promoverá grandes benefícios para as nossas escolas.

Dinepi, que é diretor dos Diários Associados, disse que as empresas jornalísticas terão que se reinventar, para acompanhar essa possível onda de progresso. E como temos hoje o número incrível de 500 mil *influencers*, a missão da realidade virtual pode alcançar com brilho o mundo carente da educação.

Deve-se regular o mercado de redes. Sonhamos com melhores tempos para a cultura do povo brasileiro, mas é preciso considerar que 20% da nossa população ainda acredita em terraplanismo. Isso apesar do fato de que o país conta com maior número de celulares do que habitantes... É sabido que 64% da nossa população se informa pela internet – é um número crescente, registrando-se que a web não tem limites.

Colaborei durante muitos anos, a convite do saudoso acadêmico Roberto Marinho, na versão impressa do jornal *O Globo*. Mais recentemente, e para minha surpresa, a nova direção do jornal resolveu transferir o meu artigo para a versão digital, alegando que era "muito mais lida". Se isso é verdade, saí ganhando...

Há certos riscos, nesse processo. A escritora Filipina Maria Ressa, Prêmio Nobel da Paz de 2021, afirmou recentemente que "as plataformas da internet (redes sociais) estão destruindo a democracia. Elas contribuem para polarizar a sociedade e radicalizar pessoas. Enquanto houver impunidade no mundo digital, haverá impunidade no mundo real". É uma preocupação da qual não podemos nos dissociar.

Na União Europeia, fala-se hoje com frequência de um processo de regulamentação, de início abrangendo as gigantes digitais. Vamos acompanhar isso bem de perto, dada a sua relevância.

"A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse os nossos mais fundos desejos."

Manoel de Barros

CIEE-Rio sob nova administração

Por Manoela Ferrari

A mesa Diretora da solenidade de posse da nova diretoria do CIEE-Rio para o biênio de 2023-2025 reuniu o presidente do Conselho de Administração do CIEE-SP e do Conselho Diretor do CIEE Nacional, José Augusto Minarelli; o superintendente institucional do CIEE Nacional, Paulo Delgado; superintendente institucional do CIEE-SP, Humberto Casagrande Neto; o presidente Emérito do CIEE-Rio, Arnaldo Niskier, o representante dos Conselheiros a serem empossados, Antenor Barros Leal, e a presidente eleita do CIEE-Rio, Andréia Niskier Ghelman.

Foi emocionante a cerimônia de posse da nova Diretoria do CIEE- Rio, no dia 04 de janeiro de 2023, quando, pela primeira vez na história da instituição, uma mulher assumiu a presidência. A psicóloga Andréia Niskier Ghelman foi escolhida pelo Conselho Administrativo para dar continuidade à eficiência e à dedicação do pai, o professor Arnaldo Niskier, que presidiu o órgão por 14 anos, tendo ao lado a fiel colaboração do superintendente Paulo Pimenta.

O vice-presidente do Conselho, Antenor de Barros Leal, ressaltou a brilhante passagem do acadêmico Arnaldo Niskier pelo CIEE, levando-o do caos ao sucesso, o que deixava um legado auspicioso para o futuro. Conforme decisão do Conselho de Administração aprovada por unanimidade no dia 21 de novembro de 2022, passou às mãos do homenageado o título de presidente Emérito do CIEE-RJ.

Há mais de 50 anos no país, o CIEE presta relevantes serviços na capacitação de jovens na promoção da consequente e oportuna oferta do primeiro emprego para estagiários e aprendizes. Atualmente, a instituição conta com mais de 3.500 empresas cadastradas em seu banco de dados. No último ano, atendeu a mais de 171 mil usuários em programas sociais.

Agradecendo a presença de todos, em especial ao pai, Arnaldo Niskier, ao ex-superintendente Paulo Pimenta, ao representante do Conselho Antenor Barros Leal e aos que se deslocaram ao Rio de Janeiro, especialmente para a solenidade de posse – José Augusto Minarelli, presidente do Conselho Diretor do CIEE Nacional; Paulo Delgado, superintendente Institucional do CIEE Nacional; Humberto Casagrande Neto, superintendente geral do CIEE/SP; Paulo Cesar Leandro Mira, superintendente executivo do CIEE/PR; Kleber Colomarte, superintendente adjunto CIEE Minas Gerais; Lucas Baldisserotto, superintendente do CIEE/RS e, também, o futuro superintendente do CIEE Rio, Luiz Gustavo Coppola – Andréia N. Ghelman destacou a eficiência da equipe e prometeu seguir os passos dos antecessores.

No discurso, a nova presidente falou sobre os conhecimentos adquiridos em atividades anteriores, desde a juventude, quando participou de um movimento de educação feita por jovens para jovens, incluindo vivências de comunidade e respeito às diferenças – o que despertou o seu interesse pela área de humanas. Na Faculdade, formou-se no curso de Psicologia pela PUC-Rio e fez Especialização em Psicologia Clínica na Santa Úrsula. Trabalhou em creches com crianças carentes, trazendo, dessa experiência, sua capacidade de escuta e o interesse em encontrar soluções. Atualmente, é diretora executiva da Edições Consultor e gerente de projetos do Instituto Antares, uma organização sem fins lucrativos que desenvolve projetos de Educação e Cultura. Seguindo seu interesse na formação dos jovens, está concluindo uma Pós-graduação em Metodologias Ativas em sala de aula com foco no aluno, pela PUC-RS.

Além da continuidade na excelência dos serviços prestados pelo CIEE, a presidente assumiu o cargo trazendo ideias inovadoras: "Algumas propostas já me veem à cabeça além de querer conhecer com muito interesse cada trabalho que o CIEE hoje faz com tanta competência. O conceito de ESG, que reúne as políticas de meio-ambiente, responsabilidade social e governança, será cada vez mais cobrado das empresas. Ações ligadas a essa política, são importantes de serem pensadas. Abraçar o compromisso com a sustentabilidade por meio tanto de pequenas atitudes do cotidiano – como a troca de todas as lâmpadas incandescentes para lâmpadas de LED –, quanto de grandes decisões – como a instalação de painéis de energia solar –, para não só dar bons exemplos aos nossos jovens, mas também colaborar para um futuro melhor nesse planeta. Pensar em novos programas educativos com outros formatos que alcancem esses jovens do terceiro milênio, como Podcast, Videocast entre outros. Rever toda a questão patrimonial por conta das novas tendências e necessidade de adaptação a essa realidade híbrida, que mistura trabalho remoto e presencial, que veio para ficar. Reforçar nossa nova parceria com o Banco Santander, projeto que já está em andamento e que nos trará muitos benefícios, inclusive financeiros. E, assim, outras tantas ideias... Me empenharei com dedicação", prometeu Andréia.

O presidente Emérito Arnaldo Niskier e a filha Andréia N. Ghelman, presidente eleita do CIEE-Rio, recebem os cumprimentos da família (Celso, Andréia e Ruth Niskier, Isio Ghelman e Sandra N. Flanzer).

Breves

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ Marcado para acontecer de 29 de abril a 7 de maio, o Flipoços 2023 terá como tema "Literatura e fotografia, as histórias que as imagens não contam".

◉ Um dos maiores estudiosos do marxismo no Brasil, José Paulo Netto, lançou *Da Erótica: Muito além do obsceno* (Ed. Boitempo). A obra apresenta, em um alentado ensaio, o universo da vida e da arte de Manuel Maria Barbosa du Bocage, autor português do século XVIII.

◉ Considerado um dos livros de teoria literária mais importantes do século XX, *O Sentido de um Fim*, de Frank Kermode, chega ao leitor brasileiro, pela primeira vez, através da Editora Todavia, com tradução de Renato Prelorentzou.

◉ A Editora Martin Claret lançou coletânea de novelas *Pequenos Redemoinhos*, obra inédita da autora italiana Maria Messina (1887-1944), que aborda o drama da emigração do ponto de vista feminino.

◉ *Óculos de Cor* (Companhia das Letrinhas), da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, com belas ilustrações de Suzane Lopes, aborda branquitude e antirracismo para leitor infantojuvenil.

◉ Executiva experiente, Paula Harriaca lançou *O Poder Transformador do ESG. Como Alinhar Lucro e Propósito* (Ed. Planeta), com direcionadores estratégicos de sustentabilidade nos negócios.

◉ *Cartas para o Invisível* é o novo romance de Lincoln Aramaiko, lançado pela Editora Valentina.

◉ A Editora Todavia publicou *Filho de Jesus*, livro de contos de Denis Johnson, considerado um dos maiores escritores americanos da sua geração.

◉ Nos doze textos de *O Sentido da Liberdade e Outros Diálogos* (Ed. Boitempo), publicados pela primeira vez em português, a filósofa e professora Angela Davis dedica-se a analisar a questão que dá título ao livro.

◉ Uma das importantes vozes da nova geração de escritores moçambicanos, Manuel Mutimucuio, lançou *Moçambique com Z de Zarolho* (Ed. Dublinense), em que fala sobre as repercussões de uma lei que altera a língua oficial do país.

◉ *O Vestido de Afiya*, do poeta jamaicano James Berry e ilustrações da brasileira Anna Cunha, foi eleito um dos melhores livros infantis pelo jornal *The New York Times*. Lançado no Brasil pela Ed. Olho de Vidro, com tradução de Marcos Marcionilo.

◉ A produção multifacetada do russo Ievguêni Zamiátin (1884-1937) se encontra em *Xis e outras histórias* (Carambaia), com cinco novelas que permitem conhecer de perto a prosa experimental do cultuado escritor.

◉ *A Menina Linda* (Oficina Raquel) oferece diversas facetas da cronista Cidinha da Silva, conhecida por construir seus textos a partir de um ponto de vista essencialmente feminino, preto e periférico.

◉ A Editora Antofágica publicou nova edição de *O curioso caso de Benjamin Button*, comovente história de F. Scott Fitzgerald que fala sobre a passagem do tempo. A obra chega ilustrada por Julia Jabur, com tradução de Debora Fleck e Mariana Serpa.

◉ *A Vida e as Mortes de Severino Olho de Dendê* (Intrínseca), de Ian Fraser, une ficção científica, referências à cultura pop e elementos da vivência nordestina. A edição conta com ilustração de capa e projeto gráfico inspirados pela estética do Movimento Armorial, idealizado pelo saudoso acadêmico Ariano Suassuna.

◉ Um dos raros autores falantes de francês a escolher o Brasil como interlocutor, Tierno Monénembo, nascido na Guiné, lançou *Pelourinho* (Ed. Nós), sobre a história afro-brasileira, fundada no tráfico e na escravidão.

◉ No livro *A Rússia de Putin: A ascensão de um ditador*, HQ publicada pela QS Comics, o jornalista gráfico best-seller do *New York Times* Darryl Cunningham investiga a história por trás do cartel de Putin e sua influência no mundo.

◉ O desafio de criar uma sociedade mais equilibrada e funcional, por meio da educação ambiental, é o tema de *Educação Ambiental – Princípios e práticas* (Ed. Gaia), de Genebaldo Freire Dias. A obra tem capa idealizada com base em fotos de Sebastião Salgado.

◉ *Eu já Morri* (Ed. Boitempo) é o oitavo livro do paraense Edyr Augusto. Em 17 histórias, a obra retrata com olhar ferino personagens singulares da cidade de Belém.

◉ Apesar do tema impactante, Luciano Pontes adota uma abordagem lúdica e delicada para falar sobre o trabalho infantil em *A Terra Ensacada e Outras Histórias* (Ed. Melhoramentos).

◉ *A África Contada para Crianças* (Ed. Martin Claret), de Avani Souza Silva, traz fábulas tradicionais africanas recontadas para o público brasileiro.

◉ *Novas Fronteiras de Risco e Retorno*, de autoria da CFA Society (Ed. Lux), busca, de forma simples e objetiva, ajudar investidores a adquirir um olhar mais amplo sobre o impacto socioambiental.

◉ A crítica literária Parul Sehgal, titular da revista *New Yorker*, é uma das vencedoras do Silvers-Dudley Prize de 2023. Outro vencedor deste ano é o historiador e escritor Timothy Snyder, cujo livro *Na Contramão da Liberdade: A guinada autoritária nas democracias contemporâneas* foi publicado no Brasil pela Companhia das Letras.

◉ O livro *Animais Inventores* (Melhoramentos), de Christiane Dorion, com tradução de Sandra Pina e ilustrações de Gosia Herba, apresenta animais que inspiraram estudiosos e contribuíram diretamente para o avanço da tecnologia.

◉ *As Histórias de Pat Hobby* (Ed. Dublinense) trazem contos de F. Scott Fitzgerald, com tradução de Hilton Lima, sobre um decadente homem da "era do jazz" que luta para conseguir trabalho, formando um relato vigoroso de Hollywood e seus tipos.

◉ A técnica de atualização de pensamentos e quebra de padrões prejudiciais é o tema de *Perfeição não, felicidade: atualize sua mente, desafie seus pensamentos e livre-se da ansiedade*, da ativista e escritora Poppy Jamie (Ed. Melhoramentos).

◉ Em *Um Conto para Ser Tempo* (Ed. Morro Branco), Ruth Ozeki, vencedora do Woman's Prize 2022, explora as relações entre leitor e escritor, passado e presente, fato e ficção.

◉ Escrita por Bruno Henrique Coelho, *O Último Pássaro Daqui* (Ed. Saíra) conduz o leitor por uma jornada de reflexões sobre amizade, coragem e finitude da vida.

◉ No livro de contos *Pandemônio: Diário da quarentena de um sobrevivente à Covid-19* (Ed. Ventura), o escritor Luiz Otávio Olianir revela como sobrevivemos à pandemia.

◉ A Prefeitura de Paraty (RJ) divulgou, em seu calendário oficial, datas para a 21ª edição da Festa Literária para o mês de julho.

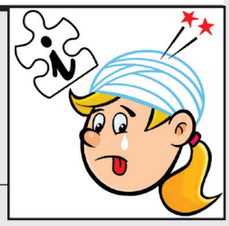
Humor

Por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

NARRATIVAS

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto



Cabeça quebrada

"Geiza levou um tombo e quebrou o crâneo."

Coitada! Escrevendo dessa forma, o machucado ficou maior. A grafia correta da palavra é **crânio** com **i**.

Frase correta: "Geiza levou um tombo e quebrou o **crânio**."

Diariamente

"Mariana não come arroz e feijão no seu dia-a-dia."

Dessa maneira, vai acabar com inanição. Veja: conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se emprega mais hífen na expressão **dia a dia** (locução substantiva). Frase correta: "Mariana não come arroz e feijão no seu **dia a dia**."

Enjoada

"Simone tem muitos enjôos por conta da gravidez."

Não vai melhorar, se continuar escrevendo erroneamente. O acento circunflexo das palavras terminadas em **e/em** ou **o/oo** foi abolido pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Ex: creem – crêem / relêem – releem / vôos – voos.

Frase correta: "Simone tem muitos **enjoos** por conta da gravidez."

Descoberta

"Ricardo descobriu o por quê do riso contagiante o Rodrigo."

Escrevendo assim é que não descobriu nada!

Quando o **porque** é **substantivado** escreve-se **junto e com acento**; **porquê**.

Frase correta: "Ricardo descobriu o **porquê** do riso contagiante do Rodrigo."

Batucando

"Wilson é um excelente músico, ele toca o reco reco."

A música não sairá boa, escrevendo assim.

As palavras compostas formadas por elementos repetidos sempre são hifenizadas.

Ex.: ágar-ágar; mexe-mexe, corre-corre, zum-zum-zum, pisca-pisca.

Frase correta: "Wilson é um excelente músico, ele toca o **reco-reco**."

Alta sociedade

"Heitor sempre foi grã fino e anda na alta sociedade."

Escrevendo dessa forma, duvido muito! Sempre se emprega hífen nas palavras compostas cujo primeiro elemento seja **grã** ou **grão** (formas reduzidas de **grande**). Frase correta: "Heitor sempre foi **grã-fino** e anda na alta sociedade."

Perdido

"Haroldo não sabe onde pôs o inseticida aerosol."

Assim, não vai achar nunca! A palavra aerosol está escrita de forma errada.

Veja: as palavras formadas pelo prefixo **aero** seguidas do segundo elemento iniciados por **r** ou **s**, estas consoantes se duplicam. Ex.: aero**ss**inusite, aero**rr**aquia.

Frase correta: "Haroldo não sabe onde pôs o inseticida **aerossol**."

Sentando errado

"Aurora achou o acento do carro muito desconfortável."

Não poderia ser diferente. Veja:

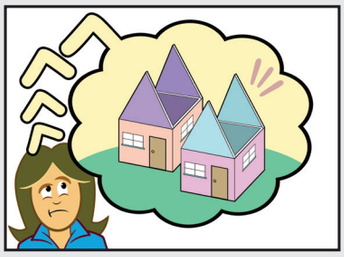
Acento e **assento** são palavras **homônimas imperfeitas**, ou seja, vocábulos com pronúncia igual (**homófonos**), mas com grafia diferente (**heterógrafos**).

Acento – inflexão de voz, sinal gráfico, tom de voz

Assento – base, lugar de sentar-se

Frase correta: "Aurora achou o assento do carro muito desconfortável."

Herança



"Renata contou para amigas que ela e os irmãos tem duas casas de herança."

Não sei se essa herança ficará com eles...

Segundo o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, o acento circunflexo **não foi abolido** como forma de diferenciar o singular e o plural dos verbos **ter** e **vir** e seus derivados.

Período correto: "Renata contou para amigas que ela e os irmãos **têm** duas casas de herança."

Curiosidade

Você sabe quais são as maiores palavras da língua portuguesa? Não? Ei-las:

1º **Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico** (46 letras)

Relativo a uma doença pulmonar aguda causada pela aspiração de cinzas vulcânicas.

2º **Paraclorobenzilpirrolidinonetilbenzimidazol** (43 letras)

Substância presente em medicamentos como o Ultraproct.

3º **Piperidinoetoxicarbometoxibenzofenona** (37 letras)

Substância presente em medicamentos como o Baralgin.

Complicado

"Yara arriou do cavalo defronte à escola enquanto a bandeira nacional era arreada do mastro."

Dessa forma não dá para entender nada!

Veja:

Use **arrear** quando quiser dizer que irá colocar arreios ou enfeites em.

Use **arriar** quando quiser obter os seguintes significados: baixar, colocar no chão, descer, desanimar, perder as forças.

Frase correta: "Yara **arreou** do cavalo defronte à escola enquanto a bandeira nacional era **arriada** do mastro."

O embelezador de cotidianos

Por Gabriel Chalita*

João era o nome do meu tio. O mesmo do João, primo de Jesus, que anunciava no deserto.

Desde cedo, sempre imitei meu tio. Achava bonito o como ele embelezava suas falas, seus cotidianos. E sem exageros. Ele compreendia que o belo dizer tinha que ser natural como um canto bonito de um pássaro ou como um sussurrar delicado das águas lambendo as areias da praia.

Tocava violino o meu tio e talvez isso desse a ele uma sensibilidade maior. Na minha infância, eu ficava sentado embaixo de uma árvore vendo os seus olhos fechados e as suas mãos certeiras fazendo música na varanda grande da casa da minha avó. Era como se ele, como os pássaros, também voasse.

Tive um outro tio que era o oposto do irmão. Reclamador ininterrupto do viver. Agressivo. Causador de fraturas na alma da própria mãe. Nunca me esqueço de um dia em que ele voltou exultante de uma caça mostrando o animal defunto entre as mãos. Eu fechei os olhos, e ele gritou comigo temendo que minha compaixão pelo morto se transformasse em ausência de masculinidade. Saí da sala e fui brincar com Princesa, uma cadelinha de rua, adotada pela casa. Tio João sorriu para mim e contou histórias bonitas de homens valentes que amavam a natureza.

Os dois irmãos praticamente não se falavam. Tio João virou um homem importante. Enricou sem perder a humildade. Ajudava a cidade inteira. Era advogado e dividia a sua clientela entre os que podiam e os que não podiam pagar. Seus júris eram memoráveis. Leve nos ditos e certeiro na defesa incondicional da verdade. Explicou muitas vezes os riscos da mentira, da desonestidade. Minha avó, sorria com a alma pelas conquistas do filho. Do outro, ela rezava. Um dia haveria de vir um milagre e ele se consertar. O milagre nunca veio. E eu, depois de crescido, nunca quis conviver com esse tio. Viveu de mulher em mulher os discursos toscos dos machistas. Era racista também. E inventava histórias para justificar a injustificável superioridade de raças. Brigou nas profissões que abraçou e só não morreu na indigência porque o irmão, a quem tanto criticou, cuidou dele no final.

Ontem, tive um dissabor. Nada muito diferente dos dissabores que enfrentam os irmãos meus de humanidade que vivem no deserto dos pensamentos dos outros. Fui atacado por discordar de quem concorda com os discursos de ódio, fui atacado por não acatar os que desferem preconceitos. Confesso que a surpresa me deixou esvaziado de vontades. Pensei um pouco. Lembrei do meu tio. Imitei sua gentileza sem desdizer as minhas crenças. Sou dos que creem que as valentias forçadas nos forçam a demitir a razão. Sou um homem de afetos. Gosto dos encontros e aprendo com os diferentes.

Sou também músico. Ouço no piano, no som que construo, no dedilhar da minha alma, as almas da humanidade inteira. Os compositores que se foram moram em mim e moram nas canções. Os livros que leio, também. E também as lembranças. Não autorizo ninguém a sujar de arrogâncias meu dia. Polidez jamais será sinônimo de fraqueza.

Depois de encerrada a contenda, voltei para casa. O sol desse início de primavera era convidador de contemplações. Era quase o final do dia. O vermelho que pintava o céu explicava que o amanhecer não demoraria muito para convidar uma outra esperança a viver comigo. No fórum onde atuo como juiz, aceito a responsabilidade de diminuir as injustiças do mundo. Não quero jamais esquecer a razão que me fez, um dia, escolher a magistratura. Cada caso que decido sofro o sofrimento necessário para não permitir que o erro destrua a vida de alguém. Já ouvi desistências de amigos meus, descrentes de alguma mudança. "A mudança sou eu", respondo em cada caso que devolvo, à casa da felicidade, o que morava na rua da injustiça.

Chegando em casa, sentei ao piano e toquei uma música que meu tio gostava. Enquanto isso, recebi o beijo da mulher que eu amo e dos meus dois filhos, gêmeos, um se chama João e o outro José, o nome do meu pai. Meus filhos explicam para mim, desde os inícios, que o amor não tem fim. Feiuras no cotidiano? Não, definitivamente não permanecem.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Acreditação de instituições de ensino

Por Roberto Boclin*

Novas estratégias da educação

A Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, representou, sem dúvida, inestimável contribuição para o aprimoramento da educação brasileira e, em particular, uma provocação inovadora à melhoria do desempenho das instituições de ensino superior. A sua regulamentação no campo da competência federal, tem sido extensa e de certa forma doutrinária, seja quando "estabelece procedimentos para o processo de avaliação dos cursos e instituições de ensino superior", como no que concerne aos aspectos mais abrangentes dos dispositivos legais e no elenco de portarias normatizadoras para o credenciamento de instituições privadas de ensino superior.

O credenciamento é uma das inovações legais regulamentadas pelo Decreto 2.207/97 e pelas Portarias 637, 639 e 640/97 e que, embora resulte de uma ambiguidade legislativa com o conceito de autorização, agora restrita aos cursos superiores, sugere importantes atributos relacionados com o desempenho e com os objetivos das instituições de ensino superior. Não é nosso propósito discutir sobre a nova legislação e suas regulamentações, mas, assimilando a sua proposta, refletir sobre alguns aspectos conceituais que julgamos importantes e oportunos para a gestão eficaz do ensino superior. O Decreto 2.026/96 apresenta pela primeira vez, na legislação brasileira, o conceito de indicadores de desempenho global, enquanto a Portaria nº 637/97 estabelece, também de forma original, a figura dos critérios a serem considerados no credenciamento. Conceitos como "autoavaliação" e "avaliação individual" são frequentes nos textos legais sem, no entanto, caracterizarem uma metodologia própria ou mesmo uma sistematização no seu emprego. As mudanças recentes, promovidas pela expansão do conhecimento e da tecnologia, no mercado de trabalho, na competitividade empresarial, nos processos de financiamento de recursos financeiros cada vez mais escassos, na redução do poder aquisitivo da classe média e nos níveis de aspiração da população jovem em busca de melhores empregos, constituem um singular desafio à gestão criativa, competente e eficaz das instituições de ensino, aproximando-as dos procedimentos adotados pelas empresas na condução dos seus negócios e das logísticas mais apuradas, onde os indicadores estatísticos aparecem como ferramentas estratégicas gerenciais. Do elenco de providências adotadas pelo Governo Federal, no sentido de despertar as instituições de ensino superior para a qualidade da prestação de serviços educacionais, o Provão tornou-se a peça mais contundente e discutida. Embora não seja o melhor instrumento de avaliação, uma vez que não impõe compromissos e consequências diretas aos alunos submetidos às provas, é inquestionável a repercussão dos seus resultados. Isoladamente, no entanto, é possivelmente injusto e certamente débil como proposta metodológica.

Recentemente, o Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, por intermédio da sua Câmara de Ensino Superior, instituiu a figura de uma Comissão multidisciplinar, com o propósito de estabelecer condições para a autorização de funcionamento de Órgãos de Acreditação, ou seja, empresas, fundações, institutos, etc., que se proponham, segundo procedimentos adequados e preestabelecidos, indicar referenciais de qualidade de desempenho de instituições de ensino e que, em curto prazo, se transformem em parâmetros de qualidade e, até mesmo, em classificações de desempenho. Se, no Brasil, aos poucos se constrói uma categorização das instituições de ensino superior, com Universidades, Centros Universitários, Faculdades Integradas, Faculdades e Institutos Superiores ou Escolas Superiores, cumprindo, ainda que de forma um tanto subjetiva, o mandamento legal, nos EUA, a questão ultrapassou muros acadêmicos e se tornou pública em vários outros modelos. Hoje, as instituições vão ocupando um "ranking" educacional assemelhado aos dos hotéis, restaurantes, das cidades, corporações empresariais, etc.

Empresas especializadas publicam as suas detalhadas classificações como a "US News World Report", "Money", "Barron's Guides", "The Fiske Guide to Colleges" e a "The Gournan Report", que orientam o público e exigem das instituições desempenhos de melhor qualidade. É claro que existe uma distinção entre classificação e categorização. Categorização está associada aos objetivos e às potencialidades da instituição e que, em decorrência, exigirá das mesmas, reputação, honras e prêmios, pesquisas e trabalhos publicados, instalações, laboratórios, bibliotecas, titulação acadêmica de professores, etc. Poderá haver classificação entre instituições da mesma categoria, mas a distinção de categorias não indicará diferenças na qualidade da prestação de serviços de uma e de outras e, sim, finalidades diversas. A classificação as diferenciará nas categorias, nos cursos e no desempenho e o recurso para este fim é o uso de indicadores. O aproveitamento dos indicadores por instituições de ensino superior no processo de avaliação, como instrumento de aferição de desempenho, apresenta inúmeras vantagens diretas e outras indiretas, apoiando o processo de gestão administrativa, acadêmica e financeira, constituindo-se em elemento indispensável do processo de Acreditação. De um lado, favorecem o estabelecimento de metas visíveis e concretas, envolvendo as equipes no processo consciente de alcance de resultados. De outra forma, mobilizam esforços no sentido de que seja implantada uma linguagem própria, uma cultura de informação fundamentada em retratos do cotidiano, permitindo correções imediatas e ajustes no processo ensino-aprendizagem e em todos os seus envolvimentos. É verdade, que um elenco de indicadores hábil e tecnicamente selecionados e corretamente apurados, cria mecanismos que ultrapassam as funções de controle e invadem os terrenos psicológicos da valorização profissional, do reconhecimento, da motivação e do fortalecimento dos vínculos dos recursos humanos com a instituição. Na medida em que a sistemática de apuração e análise se desenvolve, inevitavelmente será desenhada uma história do comportamento da instituição, favorecendo a definição de metas e a projeção de novas estimativas, corrigidas em função das providências decorrentes. Parâmetros referenciais serão construídos, estimulando a comparação intra sistema, enquanto paralelamente estará sendo abastecido um Banco de Dados indispensável ao planejamento estratégico. Finalmente, entendendo a Acreditação como o estabelecimento de uma reputação, o abono de uma confiança inspirado nos resultados efetivos de um desempenho, é preciso que sejam definidos com clareza os meios de coleta e a fidedignidade das informações, que com o tempo se tornarão de domínio público e virão a se constituir em valiosos elementos de aprimoramento da educação em nosso país.

A Acreditação virá para ficar como um efetivo instrumento à disposição da comunidade para avaliação das instituições de ensino.

---

*Abrindo o baú do passado, com esse artigo escrito em 1999, o professor Roberto Boclin aponta a validade das questões tratadas.

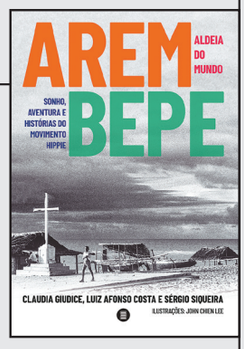
Livros e Autores

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Buraco do Dato

A obra *Buraco do Gato* (Ed. Kelps, 2022) reúne uma coleção de artigos memorialísticos do presidente perpétuo da Academia de Letras de Brasília, José Carlos Gentili, membro efetivo da Academia das Ciências de Lisboa. Com uma linguagem que reúne conteúdo e elegância, na mesma medida da graça e da leveza, os textos primam pelo tom coloquial próprio da crônica, embora afastados do viés puramente confessional. Segundo o crítico literário João Carlos Taveira, que assina a orelha, nos textos não há atavios nem subterfúgios: "As narrativas dizem de coisas e loisas, numa busca incansável de aproximação da palavra precisa, com ironia e, às vezes, com sarcasmo, mas nunca com benevolência ou subserviência aos demandos e arbitrariedades que, outrossim, aqui são detalhadamente descritos." No prefácio, que assinei muito honrada, ressalto o singular estilo de Gentili, tecelão atento de uma arte cujo instrumento é a palavra: "Autor que acredita na força do vocábulo e na potência da linguagem, a escrita de José Carlos Gentili aproxima a vastidão do universo de perguntas à mansidão das respostas, guardando o culto da sabedoria e dos valores adquiridos. Os textos maduros nos dão a boa medida do seu talento, exercido com sensibilidade e competência, trazendo-nos sossego à multiplicidade crítica.

Arembepe – aldeia do mundo



Arembepe – aldeia do mundo (Editora Máquina de Livros) conta as histórias e aventuras da vila que foi capital do movimento hippie, nos anos 60 e 70. A obra foi escrita em parceria por Claudia Giudice, Luiz Afonso Costa e Sérgio Siqueira, que passaram cinco anos reunindo informações sobre a vila frequentada por nomes como: Janis Joplin, Mick Jagger, os Novos Baianos, Wally Salomão, Glauber Rocha, Roman Polanski, Cláudio Marzo, Jack Nickolson e José Simão. Com ilustrações do artista plástico John Chien Lee, a obra retrata a paradisíaca vila no litoral norte da Bahia, onde, naqueles tempos, a luz elétrica ainda não havia chegado e era natural ter gente circulando sem roupa. Logo, tornou-se a capital mundial do movimento hippie. Histórias e aventuras desse jardim da contracultura foram resgatadas pelos autores, que conversaram com dezenas de figuras icônicas da aldeia, como Candido de Alencar, que criou a Casa do Sol Nascente, com seu inédito cinema solar onde reflexos de espelho levavam os espectadores a viagens psicodélicas e a musa Sandete Ferrão, famosa por andar nua pelas ruas, becos e praias do vilarejo. O estilo de vida naturista era tão comum como as experiências com ácido, gente dormindo embaixo de coqueiros e visões de discos voadores que coloriam o céu.

Democracia na Prática – Por um Brasil melhor

Em *Democracia na Prática – Por um Brasil melhor* (Editora Almedina Brasil), o general Carlos Alberto dos Santos Cruz destaca que, em 2018, o país foi "vítima de uma enganação eleitoral" que apenas enfraqueceu as bases democráticas e que "há necessidade urgente de sair da armadilha do radicalismo". Trata-se de uma leitura essencial para entender o posicionamento de um militar perante o último governo. Na obra, o autor avalia que o caminho da união, da redução das desigualdades e da eliminação de privilégios foi subjugado pelo populismo. Afirma que adotaram a cartilha dos momentos de extremismo da história: o fanatismo; o raciocínio binário: amigo x inimigo, direita x esquerda, para manipular a opinião pública; a desinformação; a mentira; as fake news; o assassinato de reputações; o culto da personalidade; e o aparelhamento das instituições: "A transparência e o combate à corrupção foram substituídos pelo que existe de pior em prática política: irresponsabilidade e desrespeito institucional, funcional e pessoal." Também conhecido por General Santos Cruz, o autor é general de divisão da reserva do Exército Brasileiro, comandou forças da ONU em missões de paz no Haiti e no Congo, atuou como secretário Nacional de Segurança Pública e como ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência do Brasil.

Rafaela em Queda

Rafaela em Queda (Editora Patuá, 2019) é o primeiro romance do escritor paulista Cyro Leão. A narrativa enaltece a palavra como alívio para a tragédia.
Descrita pelo autor como um "thriller existencialista, no qual a literatura é uma boia em meio ao naufrágio", a trama é centrada em três personagens: Rafaela, Teles e Rôme. A protagonista, que empresta o nome ao título, sofre com os questionamentos sobre o sentido da vida e se apega à literatura. Narrado de forma não linear, a obra é dividida em três atos. O primeiro introduz e desenvolve os personagens. O segundo – *O livro de Rafaela* – baseia-se nos escritos da personagem-título. O terceiro é um apêndice que amarra alguns contos, mas deixa a conclusão em aberto.
Cyro Leão trabalha na área de comunicação de eventos. Depois de lançar seu primeiro livro, a coletânea de poemas "Confusão", passou oito anos trabalhando na elaboração de Rafaela em queda. Este ano, a *revista Literária Francesa L'Ampoule* selecionou uma parte do livro (entre mais de 200 escritores) para sua nova Edição Semestral (Nº 12). Será a primeira vez que um autor não francófono sairá na capa da publicação. Em março, a obra será lançada em Portugal, onde Cyro Leão reside, atualmente.

Sente-se Comigo

Sente-se Comigo (7 Letras), de Luciana Chardelli, narra a história do protagonista Teo, que redimensiona o futuro ao longo das 120 páginas do romance. Isolado em casa, contando as horas durante a pandemia, passo a passo, o narrador faz uma espécie de "ajuste de contas" consigo mesmo, com as lembranças e aprendizagens da vida. As receitas que aprende na cozinha neste período também são compartilhadas com o leitor, ampliando os sabores da narrativa. Diante da solidão do protagonista, seu casamento, o trabalho e o lar são postos à prova, não deixando esquecer que é o presente que entrelaça os tempos verbais da vida.
Com talento e simplicidade, a autora, finalista do Prêmio Oceanos 2020 com o livro de contos *Espiral*, constrói uma narrativa em que a arte imita a vida, resgatando memórias afetuosas que irão emocionar qualquer leitor que tenha vivido as angústias e incertezas da pandemia que assolou o mundo em 2020. Luciana Chardelli Nunes nasceu em 1968 no Rio de Janeiro. Cursou jornalismo e, posteriormente, formou-se em Direito. É advogada, pós-graduada em direito penal e direito processual penal pela Universidade Cândido Mendes. É autora do romance *Penso, Logo Insisto: Um desencontro* (Multifoco, 2010) e de *Espiral* (7Letras, 2020).

O Outro Lado do Poder

Em *O Outro Lado do Poder* (Máquina de Livros, 2022), o jornalista Silvio Barsetti aborda a história da política brasileira sob a ótica das prostitutas. A obra revela casos reais do funcionamento da indústria do sexo no universo político – de Getúlio Vargas, JK, Itamar Franco e Jânio Quadros até figuras mais atuais, como os escândalos envolvendo nomes como Antonio Palocci e os Anões do Orçamento. O autor se debruçou sobre a história recente do Brasil e apresenta o universo do poder pela ótica da prostituição que gravita em torno dele, e vice-versa. Barsetti revisita bordéis e cabarés frequentados por presidentes, jogando luz sobre as festas animadas por parlamentares e lobistas à beira do Paranoá, e traz à tona eventos em hotéis arrendados para celebrar contratos milionários com o poder público. São todos episódios reais, que reforçam o caráter afrodisíaco do poder.
Ambientado boa parte em Brasília, *O Outro Lado do Poder* desvenda o funcionamento da indústria do sexo no universo político. Há fatos protagonizados por notórios conquistadores do primeiríssimo escalão e outros nomes influentes. Autor de *A Farra dos Guardanapos – O último baile da era Cabral*, um dos livros mais elogiados do país em 2018, Barsetti passou mais de dois anos entre pesquisas e entrevistas.

Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Natuza Nery

Comentarista política

Arnaldo Niskier: Hoje, uma alegria excepcional. Consegui que a Natuza Nery, que brilhou nessas recentes eleições no comando da Central das Eleições, viesse ao nosso programa e nos desse a entrevista que veremos a seguir. Foi muito cansativa a cobertura das eleições para você?

Natuza Nery: Nossa, foi demais da conta, porque a Central das Eleições foi um programa... Eram três programas por dia, por noite. Nos dias de primeiro turno e de segundo turno, fiquei mais de 10 horas no ar direto, com pouquíssimo tempo para sair correndo, ir ao toalete e voltar, não dava tempo de comer, de telefonar. Eu falava e conversava com as fontes sempre por mensagem.

Arnaldo Niskier: Você deixou seu filho Liam com quem?

Natuza Nery: Com minha mãe. Tenho um filho de 13 anos e uma mãe maravilhosa que mora conosco e graças a ela ...

Arnaldo Niskier: Em São Paulo?

Natuza Nery: Em São Paulo. Consegui ficar quase três meses no Rio, indo pouquíssimas vezes, nos fins de semana, para vê-los. Então, devo a ela um caminhão.

Arnaldo Niskier: O resultado foi uma surpresa para você?

Natuza Nery: Não foi uma surpresa, porque Lula liderou a campanha inteira, não teve um momento sequer em que Bolsonaro estivesse à frente nas pesquisas. Ele passa do primeiro para o segundo turno por uma diferença de 6 milhões de votos.

Arnaldo Niskier: Em termos percentuais era pouco, 4%, mas em número de votos era um bocado, 6 milhões.

Natuza Nery: Era muita coisa. Agora Bolsonaro sempre bom de chegada. Nos últimos dias antes dos dois momentos, primeiro e segundo turnos, ele aumenta de tamanho. Em razão disso, havia uma possibilidade de virar o jogo. Então, não dá para dizer que foi uma surpresa a vitória do Lula, porque ele se manteve não só na liderança, mas no mesmo patamar de intenção de voto o tempo inteiro, não caía.

Arnaldo Niskier: E você acha que é por causa do Nordeste?

Natuza Nery: Não só o Nordeste. Diria que o Nordeste é um símbolo, porque a diferença dele para Bolsonaro era uma distância muito longa, muito comprida, muito difícil de suplantar. O que foi a estratégia do PT? Manter-se forte, ainda que perdendo nas outras regiões do país, evitar que Bolsonaro abrisse a vantagem dele para Lula, por exemplo, no Sudeste e o pé em Minas. Minas foi uma surpresa, inclusive, nessa eleição. A única surpresa na eleição, nesse segundo turno, foi Minas, porque a distância de Lula para Bolsonaro (Lula ganhou em Minas no primeiro turno) foi de 47 mil votos, ou seja, encurtou demais a distância, acredito que algo em torno de cinco pontos. Na reta final, no dia da apuração, a diferença foi muito pequena. Então, o que de fato garantiu a vitória do Lula foi o Nordeste, foi a grande distância que ele tinha para Bolsonaro, no Nordeste.

Arnaldo Niskier: O Sul e o Sudeste acabaram surpreendendo. Esperava-se uma lavagem do Bolsonaro, no Sul e no Sudeste, e não houve. Acho que a campanha do Lula se concentrou nessas regiões, a Simone Tebet dedicou muito tempo a essas regiões. A que você atribui essa virada no Sul e no Sudeste?

Natuza Nery: Acho que a distância de Bolsonaro no Sul e no Sudeste foi uma distância bem confortável. É claro que Lula conseguiu manter algumas estacas fincadas e fincou outras estacas, nessas regiões, em razão dos apoios que teve. O que aconteceu nessa eleição foi algo surpreendente na política que, em todo meu período de cobertura jornalística, não tinha visto. Vi forças que eram adversárias minha vida toda como jornalista se juntando em favor da democracia, contra Bolsonaro, portanto. Em 2006, fui carrapato do Geraldo Alckmin. O que é o carrapato? É o jornalista que segue um candidato. Para todo lugar que o candidato vai, o carrapato tem que ir atrás. Eu era carrapato de Geraldo Alckmin. Para todo lugar que ele viajava, eu ia. Em 2006, houve um debate em que Alckmin foi muito agressivo, ao contrário da persona dele. Ele é muito educado, muito sereno e, de repente, virou uma fera. Os eleitores não entenderam, não compreenderam e ele acabou perdendo aquele debate pela agressividade. Se alguém me dissesse, em 2006, que anos a frente Alckmin seria vice de Lula, que nome como Simone Tebet ficaria rouca fazendo campanha por Lula, que nomes como Pérsio Arida, Fernando Henrique Cardoso, Pedro Malan, Celso de Melo declarariam apoio a Lula.

Arnaldo Niskier: O resultado afinal era esperado?

Natuza Nery: Era, era esperado, mas não significa que não tivesse emoção e teve muita emoção. No primeiro turno, Bolsonaro foi liderando a disputa, a apuração dos votos até umas 20h30. Às 20h30, Lula e Bolsonaro fazem um X, porque aí vão chegando os votos do Nordeste, por exemplo, pesadamente e Lula acaba ficando cinco pontos na frente de Bolsonaro. Neste segundo turno, o X foi um pouco mais cedo, mas bem perto das urnas apuradas, porque no primeiro turno, com 70% das urnas apuradas, Lula passa à frente. Nesse caso, acho que foi 68, 69% das urnas apuradas. Então, foi uma apuração de muita emoção.

Arnaldo Niskier: A que você atribui a força do Lula no Nordeste?

Natuza Nery: Lula foi um bom presidente para os nordestinos. Os nordestinos têm uma memória importante do Lula e não é só pelo Bolsa Família. As pessoas erram ao atribuir o Bolsa Família à popularidade de Lula no Nordeste. O desemprego era menor, as pessoas viviam bem, o Estado passou a chegar no Nordeste, houve programas, como Luz para Todos. Então, o Lula nordestino que é e tendo vivido, ele tem o sentimento do mundo, da dificuldade que o nordestino passa (ele é de Garanhuns), então ele governou muito para o Nordeste, para os mais pobres do país. E essa memória afetiva do que foi o governo Lula foi o que garantiu essa posição, além do fato de que boa parte dos estados nordestinos era governada por aliados de Lula. Ou por correligionários ou por petistas mesmo, então era uma região em que Lula tinha uma situação muito favorável pelo passado, mas também pela presença de governadores, de prefeitos, ele tinha estrutura ali para fazer campanha.

Arnaldo Niskier: Isso explica, com toda certeza. E o Geraldo Alckmin? Ele era uma expectativa de virar o jogo em São

Paulo e isso, propriamente dito, não aconteceu. É demérito para o Geraldo Alckmin?

Natuza Nery: Não acho que seja demérito, acho que o Geraldo Alckmin é alguém de muito prestígio ainda no estado, mas prestígio não significa necessariamente voto. São Paulo é um estado conservador, tirando a capital e região metropolitana, o interior é extremamente conservador. Alckmin tinha esses prefeitos, tinha esses eleitores, quando estava no campo conservador. No momento em que passa para o campo progressista e se torna candidato a vice de Lula, ele perde aquele eleitorado que acaba vendo Alckmin como um desertor, por isso que Alckmin, embora tenha trabalhado muito, tenha conseguido...

Arnaldo Niskier: Ele é uma boa figura pública.

Natuza Nery: Mas isso não se converteu em voto ou, pelo menos, em muito voto.

Arnaldo Niskier: Você, como analista política, não acha que ele vai ser muito importante no governo Lula?

Natuza Nery: Não tenho a menor dúvida. Ele não vai ser – como Temer reclamou que era de Dilma – um vice decorativo. Não vai ser porque será chamado... Alckmin é alguém muito discreto, só vai a um lugar se for convidado e Lula já deu todos os sinais de que quer Alckmin ao lado dele, governando junto com ele. Então, Alckmin vai ser uma peça importante no governo Lula, não tenho a menor dúvida. O Alckmin tem um outro valor, que é a lealdade. Ele foi muito leal ao Mário Covas, quando era vice de Mário Covas, foi muito companheiro, quando ele estava doente.

Arnaldo Niskier: Nessas horas, você não acha que o caráter da pessoa pesa muito?

Natuza Nery: Deve pesar, mas acho que o mais importante da chapa Lula/Alckmin é a amplitude política que ela representa. É o recado e o símbolo de que Lula sabia que precisava ampliar para se manter competitivo, durante o processo eleitoral. Por isso, disse que o que aconteceu nessa eleição, se for cultivado pelos próximos quatro anos dessa amplitude política de Lula mais próximo daqueles que, no passado, eram pessoas adversárias, isso tende a ser transformador na política.

Arnaldo Niskier: Nisso temos que incluir a ex-ministra Marina Silva.

Natuza Nery: Sem dúvida nenhuma. Marina Silva também, assim como Simone Tebet, se engajou muito no segundo turno. Tanto Simone quanto Marina foram para o apoio a Lula e a Alckmin no segundo turno. Simone Tebet, por vezes eu ligava para ela, estava rouca de pedir voto. A Simone Tebet é uma mulher muito íntegra. Assim como Marina, é um símbolo nacional, uma mulher respeitadíssima lá fora. E Marina era alguém que tinha ido embora e que voltou, justamente, porque entendia (segundo ela própria dizia) que, nessa eleição, algo muito maior estava em jogo que era a própria democracia e, no caso da Marina, a preservação da Amazônia.

Arnaldo Niskier: Você disse, numa das entrevistas na Globonews, que essa era uma eleição dos assédios. Houve muito assédio e o assédio nem sempre é bem recebido, bem compreendido, isso aconteceu. Líderes mundiais (anotei pelo menos 15 países) se manifestaram felicitando o Lula pela vitória. O que você acha desse fenômeno depois de tanto tempo em que o Brasil andou mergulhado na escuridão?

Natuza Nery: Eles não só se manifestaram cumprimentando Lula pela vitória, mas o fizeram muito rapidamente.

Arnaldo Niskier: Foi quase que respondendo ao silêncio do próprio Bolsonaro.

Natuza Nery: Joe Biden, por exemplo, soltou uma nota em 40 minutos, uma hora, no máximo. Havia uma preocupação de que Bolsonaro fizesse rapidamente um discurso questionando as urnas. Então, houve dois movimentos importantes: primeiro foi um discurso de Lula, também muito rapidamente, tão logo saiu o resultado, ele rapidamente se dirigiu para o hotel de onde falaria e fez um discurso lido. Um discurso de posse, não era um discurso de vitória.

Arnaldo Niskier: Promessa já de algumas atividades essenciais para a democracia brasileira.

Natuza Nery: E por que foi um discurso de posse? Justamente um discurso de posse para mostrar ao Bolsonaro.

Arnaldo Niskier: Evitar a não posse.

Natuza Nery: Outro movimento importante foi a manifestação desses líderes internacionais – Emmanuel Macron, Joe Biden, muitos países, muitos líderes de países europeus – muito rapidamente.

Arnaldo Niskier: Achei extremamente simpático o gesto do Biden respondendo a Rachel Kranenburg, que conseguiu que ele, depois do pronunciamento, fizesse uma promessa pessoal para ela. Isso é que é uma repórter. Não desiste, ela insiste e conseguiu um pronunciamento exclusivo do Biden para ela.

Natuza Nery: Assim como ela conseguiu no período de Trump também. Ela se enfiava e perguntava até que a autoridade respondesse. Excelente repórter.

Arnaldo Niskier: Você já falou sobre a repercussão internacional favorável a vitória do Lula, mas queria que você comentasse uma coisa profundamente negativa que aconteceu em nosso país, que foi a paralisação das rodovias. Acho uma aberração, depois da eleição, questionar o resultado da eleição prejudicando a população. Quantos voos cancelados por causa disso?

Natuza Nery: Não foram só voos cancelados, as pessoas que estavam nas estradas, idosos, doentes que estavam nas estradas. Houve muito relato de gente passando necessidade, enquanto um grupo bloqueava as estradas, as rodovias e um grupo de bolsonaristas, ou seja, era uma aposta, um caos e que atinge não só os eleitores do Lula como os eleitores do próprio Bolsonaro.

Arnaldo Niskier: Será que esses prejudicados por essa decisão insana de paralisar aeroportos, será que não tem bolsonarista no meio disso?

Natuza Nery: Claro que tem. Foi um bloqueio, uma interdição de bolsonaristas e não compromete só isso, compromete a economia, porque os caminhões com alimentos não passam.

Arnaldo Niskier: E são perecíveis muitas vezes, ou seja, vão ser deteriorados, vão se perder e olha o prejuízo que isso representa.

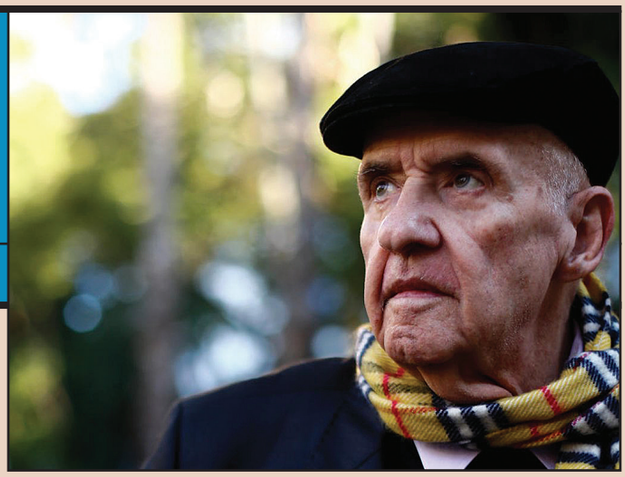
Natuza Nery: Então, isso afeta a grande empresa, mas também o microempreendedor que já pagou pelo produto que não chega, estraga. É uma ação contra o Brasil. Isso não é algo necessariamente único na história de Bolsonaro na presidência. A pandemia foi isso. Ao não assumir as rédeas do combate a Covid-19, foi um ato contra o Brasil e contra os brasileiros. Ao não comprar a vacina no tempo certo, foi um ato contra os brasileiros. Quantos brasileiros morreram.

Arnaldo Niskier: Não se pode compreender. O Brasil perdeu, desses 680 mil que morreram, pelo menos uns 400 mil poderiam ter sido salvos, se houvesse providências a tempo e a hora do presidente da República, mas ele preferiu essa imagem de presidente do caos. Será que não tem ninguém para dizer a ele que isso é um absurdo?

Natuza Nery: Cobrindo o governo Bolsonaro, essas pessoas do entorno que, em algum momento, tentaram dizer isso eram cortadas, tanto que houve uma denúncia na CPI da Covid do tal gabinete paralelo. Quem de fato influenciava Bolsonaro era um grupo que defendia tratamento ineficaz para combater a Covid. Bolsonaro achava que o melhor remédio para a Covid era a contaminação, para que se atingisse a chamada imunidade de rebanho e, uma vez todo mundo com a Covid, criaria o anticorpo e a vida continuaria igual. Ele tinha muito medo de um tombo, que um tombo na economia fizesse dele um presidente impopular, então ele pensou, num primeiro momento, nele; depois, num segundo momento, nele; num terceiro momento, nele e isso cobrou um preço, ele não foi reeleito.

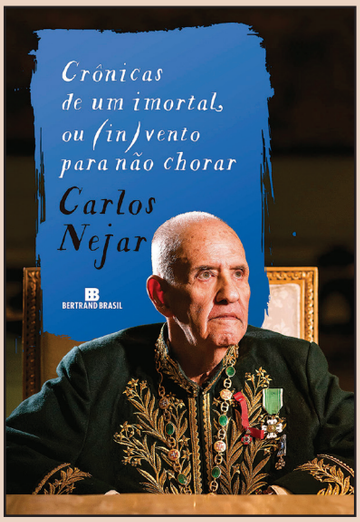
O (in)vento da memória de Carlos Nejar

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com



Nesta segunda edição de 2023, celebramos o passar dos anos do imortal Carlos Nejar, ilustre capricorniano, que completou 30.660 dias de vida, no dia onze de janeiro.

Seguindo o fio de sua (intocada) memória, aliando sua vasta gama de conhecimento com a elegância de palavras sempre inspiradoras, Nejar reuniu mais de 100 textos inéditos na (imperdível) obra *Crônicas de um Imortal, ou (In)vento para Não Chorar*, lançada no final do ano passado, pela Ed. Bertrand Brasil. Os temas são variados – vão da política e sociedade à religião e literatura. As reflexões enfrentam o peso das perdas, reencontram a nostálgica infância e contemplam os mistérios do divino. Assumindo um tom de confissão, em uns, e de ficção em outros, o acadêmico agrupa recortes de toda sua trajetória, retratando sua ampla experiência de vida.



No prefácio da antologia, seu filho, o igualmente escritor, Fabrício Carpinejar, afirma: "Os textos seguem uma linha introspectiva de 'memórias do pensamento'. Como se fosse um diário da vida intelectual, uma biografia das ideias. Os acontecimentos são internos, estalos da reflexão. Não tem como não sublinhar metade do livro. Carlos Nejar é um procurador de almas, desperta o espírito de cada coisa ou objeto que toca, na sinestesia da linguagem. Enxerga alma nas pedras, nas árvores, nos cavalos, nos riachos, nas montanhas, misturando o que leu com aquilo que sente. E nos põe a raciocinar de um jeito que nunca havíamos tentado antes: se o homem foi expulso do paraíso, agora, infelizmente, o homem expulsa o paraíso de dentro de si."

Um dos mais relevantes escritores da atualidade, sua sensibilidade ímpar guarda o culto aos valores adquiridos, permitindo situá-lo no ápice de nossa literatura como sustentáculo do pensamento humanístico.

Autor de romances, poemas, ensaios, contos, críticas literárias, traduções e literatura infantojuvenil, nas muitas falas de sua escrita intensa sobressai a visão poética, entre o encantamento e o mistério, costumeiramente envolta nas tradições e na realidade social dos pampas. Como, certa vez, doutrinou Tolstói (1828-1910) a um pintor: "Pinte a sua província e pintará o mundo."

Em *A Vida Secreta dos Gabirus* (Ed. Record, 2014), Carlos Nejar apresenta-nos ao homem gabiru, um homem malfeito, tomando forma de rato, de um povo órfão e sedento de conhecimento.

Único representante brasileiro na lista de grandes escritores da atualidade segundo a Quarterly Review of Literature, Nejar também figura entre os dez poetas mais importantes do Brasil pela revista *World Literature Today*.

Lírico por excelência, sempre generoso com o leitor, o "Poeta dos Pampas" liga com o fio mágico de suas bem traçadas linhas o passado e o futuro. Há uma grande coerência em sua narrativa, mesmo que a distância temática ou cronológica evidencie a fragmentação. Estão intocadas as permanentes vocacionais do autor. Em suas memórias, não existe silêncio. A densidade da escrita evidencia o compromisso com o ofício de "fiar" o mundo. Desfiar para confiar. Velar para revelar. Assim como nos pampas gaúchos, ventar para inventar.

Imortal

Quinto ocupante da Cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Letras, o "Poeta dos Pampas" foi eleito em 24 de novembro de 1988, na sucessão de Vianna Moog.

Nascido em Porto Alegre (RS), no dia 11 de janeiro de 1939, fez sua formação primária, secundária e o curso clássico no Colégio do Rosário, na capital gaúcha. Formou-se, pela Pontifícia Universidade Católica do RS, em Ciências Jurídicas e Sociais (Direito), em 1962. Fez concurso para o Ministério Público do RS, assumindo a função em 1963, atuando em diversas comarcas pelo critério do merecimento. De 1965 a 1973, foi também professor de Português e Literatura em vários estabelecimentos estaduais de ensino.

Participou como membro da Comissão Julgadora do Concurso do Ministério Público; integrou o Conselho Superior e o Colégio de Procuradores do Ministério Público, tendo sido eleito por voto de sua classe para ser um dos sete procuradores que compõem o referido Conselho, órgão diretivo máximo da Instituição, em 1986, após atuar como suplente, no ano anterior. Nessa função, aposentou-se.

Em 1975, fez aperfeiçoamento jurídico em Lisboa, como bolsista, a convite do Ministério das Relações Exteriores de Portugal. Defendeu a tese "A Imputabilidade no Direito Criminal Português e Brasileiro" na Universidade de Lisboa, aprovada com parecer de louvor pelo professor de Direito Criminal dessa Universidade.

Em 1987, a Associação Nacional de Crítica Literária outorgou ao escritor o Prêmio Monteiro Lobato, pelo livro infantojuvenil *Era um Vento Muito Branco* (Ed. Globo, 1987). O aprendizado da vida transformados pelas mãos do poeta em rimas, ritmo, aliterações, metáforas, sonoridade, associação de ideias e de imagens.

Em 1983, fez curso de aperfeiçoamento jurídico na Procuradoria da República, onde ficou sediado, a convite, participando como observador do Brasil no centro avançado de preparação de juízes e promotores de justiça.

Exerceu a advocacia em Porto Alegre. Ao aposentar-se como Procurador de Justiça, mudou-se para o Espírito Santo, onde se radicou no seu "Paiol da Aurora", em Guarapari. É cidadão, por títulos, de Vitória, Espírito Santo, Guarapari e Distrito Federal.

Participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais de literatura. De 1994 a 1996, foi nomeado para o Conselho Nacional de Política Cultural. Pertence à Academia Espírito-Santense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e à Academia Brasileira de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Em 2000, inaugurou a Feira do Livro, em Porto Alegre, onde foi homenageado pelos 40 anos de vida literária, e esteve na Feira do Livro de Buenos Aires e no Congresso de Escritores de Veneza. De agosto a novembro, ocupou a presidência da Academia Brasileira de Letras (ABL).

No cinquentenário da publicação *Quarterly Review of Literature*, de Princeton, New Jersey (EUA), o poeta foi escolhido como um dos grandes escritores da atualidade. Em 2002, foi apontado entre os dez poetas mais importantes do Brasil, pela revista *Literature World Today*, Winter, Oklahoma, EUA.

Detentor de inúmeros prêmios literários, Carlos Nejar é considerado um dos 37 poetas-chaves do século, entre 300 autores memoráveis, entre 1890-1990, pelo crítico suíço Siabenman, em *Poesia y Poéticas Del Siglo XX em la América Hispana y el Brasil* (Madri, 1997).

Com o espírito sempre aberto ao espetáculo da vida, a obra de Nejar permite a simplicidade com que realiza a incorporação do eterno ao contingente. Sua criação tem forma significante, que não aprisiona o significado. É, por outra parte, um gesto de exaltação ao gênero humano. Sua voz singular amplifica a pluralidade da existência. Não por acaso, o cineasta Júlio de Lellis brindará a legião de fãs do poeta lançando poemas gravados pelo próprio autor em podcasts, que já podem ser acessados a partir deste mês.

Em sua poderosa escrita, Carlos Nejar não só rega as suas raízes, como também vence as adversidades, dando-nos a exata medida da dignidade do seu ofício. Como afirmou em seu discurso de posse na ABL, em 2012:

"Não aceitamos a mera contemplação. A mudança é a palavra. O ato de remover a pedra que Drummond, admiravelmente, visionou. E ver através dessa pedra levantada na luz da eternidade. Ver com ela e dentro de 'um novo céu e uma nova terra, sem lembrança das coisas passadas', como previu Isaías. A palavra pode elevar-se na luz e demorar-se em fulgor incandescente. Enfrentar o destino e mudar a sorte ou as coisas. Creio, sim, creio nesse mistério."

O belíssimo discurso foi finalizado, citando Goethe (1749-1832):

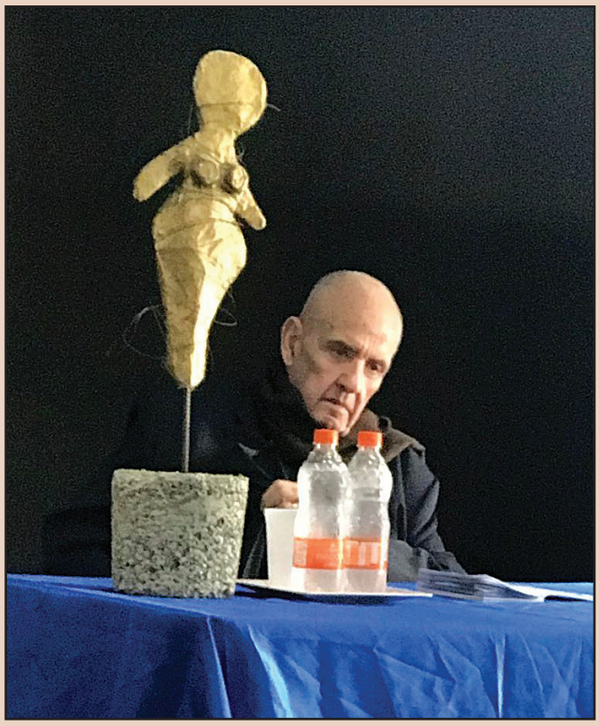
"Tudo é plenitude, quando o mistério arde. Queima a ânsia do homem diante da eternidade da palavra. E nos foi insuflada um dia, e florescemos. Sim, ninguém nos poderá mais impedir de florescer. Porque o amor foi sussurrado, e já estamos no futuro. Acontecimentos se acercam, e é preciso estar atento e de olhos completamente acesos. E escrevo minha gratidão pela vossa acolhida a esta Casa. 'Aberta aos assombros', onde 'os dias, os anos / são palmos de nada'.

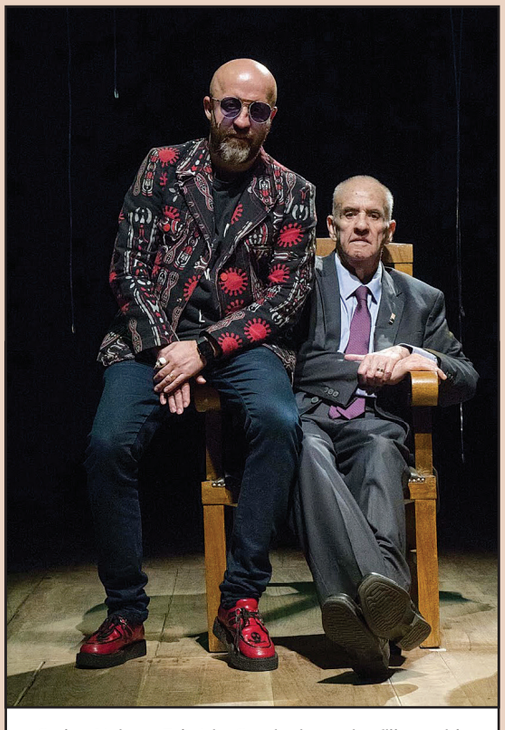
Nômade é a linguagem. A Poesia é o instante nômade da eternidade. E chegamos. (Quando verdadeiramente chegaremos?)

'Acabamos de chegar' – registrou Goethe, no Segundo Fausto. 'E não sabemos como foi'. [...] 'Bastavos saber que aqui estamos'."

Com um olhar poético sobre a atualidade brasileira, Carlos Nejar denuncia nossas mazelas em *Os Invisíveis (tragédias brasileiras)*, lançado pela Editora Record, em 2019.

Manoela Ferrari, do **Jornal de Letras**, e Carlos Nejar, ambos da Academia Espírito-santense de Letras.





Carlos Nejar e Fabrício Carpinejar, pai e filho unidos pelo ofício de escrever.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Vê, estão voltando as flores!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

O título é uma referência à música "Estão voltando as flores", de Paulinho Soledade, composta após superar uma cirurgia de alto risco. Consagrada na voz melodiosa de Helena de Lima, a poesia da letra apresenta um novo olhar sobre a vida, a beleza da natureza, a esperança. Que os mais jovens procurem conhecê-la. Que esse novo momento também possa encher o nosso coração de esperança e que a vida se transforme para melhor!

Tudo o que sei sobre alfabetização aprendi com a educadora Magda Soares e, por essa razão, repudiei um plano de alfabetização rasteiro, sem fundamentos reais, que regredia ao método fonético, felizmente já abandonado. Em seus estudos, Magda Soares destaca o conceito de letramento, com o desenvolvimento de habilidades que possibilitem ler e escrever de forma adequada e eficiente, ideia que amplia o conceito de alfabetização. A professora, que faleceu no dia 1º de janeiro, aos 90 anos, criou o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG e recebeu em 2015 o mais importante prêmio da área de ciência e tecnologia do país, o almirante Álvaro Alberto, concedido pelo CNPq. (Publishnews, 03/01/2023)

As inúmeras obras de Magda Soares continuarão a orientar professores e pesquisadores, principalmente no momento da retomada da prioridade da alfabetização e da educação básica para recuperar o que foi perdido com a pandemia e o descaso.

Yara Farinon concentrada na leitura do seu presente de Natal – *O que é preciso pra ser rei?* (Leo Cunha, Tino Freitas e Fê – Pequena Zahar).

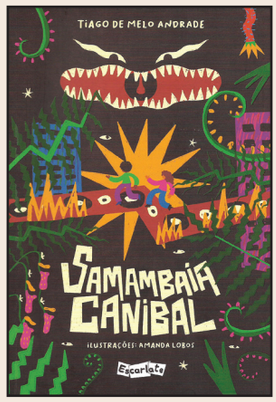
Venho insistindo no sentimento de esperança e reafirmo que já é possível visualizar aspectos positivos na Educação e na Cultura. O mercado editorial reage positivamente, as editoras ampliam a produção, encontros, debates, clubes de leitura se multiplicam e novas livrarias abrem as portas! Novas leituras! Novos bons tempos!

Quando um autor me envia um texto, acabo por me tornar também um pouco "mãe" e, se não consigo editá-lo, fico torcendo para que outro editor se sensibilize como eu. Felizmente isso já aconteceu com histórias que passaram por mim e ganharam vida em várias editoras. Alguns exemplos: *As Aventuras de Gulliver em Lilliput*, adaptação do Leo Cunha e ilustrações de Sidney Meireles (Tribos); *A Turma do Ferrinho*, do Rogério Andrade Barbosa, ilustrado pela Marilda Castanha (Globinho); *A Grande Convenção dos sapos*, do Leo Cunha, com ilustrações do Ivan Zigg (Globinho), *O rei de Amaurotum*, da Flávia Côrtes (Brasil).

Agora acontece com *A Coleção de Chapéus Fntásticos*, do Alexandre de Castro Gomes, com ilustrações da Chris Alhadeff. A querida Lourdinha Mendes (LÊ) deu vida a essa história afetuosa de despedida e de vida, em que a menina recebe da bisavó a sua coleção de chapéus, cada um com uma história, de uma vida bem vivida!

Anna Rennhack e *A Coleção de Chapéus Fantásticos* (Alexandre de Castro Gomes, Chris Alhadess – LÊ).

Samambaia Canibal – Já comentei por aqui que a capacidade criativa de autores às vezes me surpreende. O querido Tiago de Melo Andrade (ilustrações de Amanda Lobos – Escarlate) conta uma história incrível, criativa, repleta de referências e insinuações que nos prendem do princípio até a última página. Uma pesquisa escolar se transforma numa grande confusão. Como essa história vai terminar? Que ocupação verde é essa? Quem é Caetano? E o parangolé? Que magia do nosso folclore passa por essa aventura? Esse livro trabalhado em sala de aula vai gerar inúmeras pesquisas, descobertas, reavivar histórias e eventos culturais. Um achado!



O Mistério de Todas as Coisas – Com poemas de Marcelo Maluf e ilustrações divertidas de Biry Sarkis (Abacatte), a obra apresenta mistérios, medos, descobertas, sustos e situações inusitadas que por certo irão divertir a garotada.

Bons companheiros

O tênis do menino,
depois de tanto brincar,
ficou cheio de chulé.

A mãe pôs o tênis de castigo lá na área de serviço.

O menino, agradecido,
foi dar boa-noite ao amigo
e lhe fazer um cafuné. (p.34)

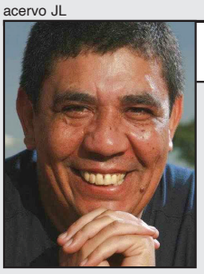
Entre Sonhos e Dragões – Adriana Carranca (Companhia das Letrinhas) descreve a guerra e o domínio de ideias obscurantistas como uma história de contos de fadas, o que permite que as crianças compreendam os seus horrores e consequências. Descrever a opressão do Talibã e a situação das mulheres no Afganistão atual apenas nos torna conscientes de ações já apresentadas pela imprensa. Agora mesmo as jovens foram proibidas de voltar às universidades. Com a biografia de três jovens afegãs: Shamsia (a primeira grafiteira afegã), Meena (violoncelista) e Sadaf (lutadora de boxe) e a beleza das ilustrações de N. N., artista iraniana, a autora nos coloca como participantes dessa luta real pela realização profissional das mulheres e pela paz. Lindo livro!

Será que a Terra Sente? – As belas ilustrações de Marc Majestic e pequenas frases, vão nos conduzindo à percepção da Terra como um ser vivente, que pulsa, sente e sofre com as agressões ao meio ambiente (tradução de Julia Bussius – Pequena Zahar). Diz o autor: "Esta é nossa única casa. Este é o momento de honrar o passado natural da Terra, de abrir nossos olhos para o presente e proteger o futuro daqueles que estão por vir. Quer me acompanhar?"

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



Sérgio Vaz

(Ladainha, 26 de junho de 1964) Poeta brasileiro. Mudou-se com a família para São Paulo aos 5 anos de idade. Mais tarde, estabeleceu-se em Taboão da Serra. Fundou, em 2000, a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa). Também foi o criador do Sarau da Cooperifa, que semanalmente reúne cerca de 400 pessoas no Jardim Guarujá para ler e criar poesia. Promoveu, em 2007, a Semana de Arte Moderna da Periferia, inspirada na Semana de Arte Moderna de 1922. Criou outros eventos, como a Chuva de Livros; o Poesia no Ar, em que papéis com versos são amarrados a balões de gás e soltos no ar; e o Ajoelhaço, em que homens se ajoelham na rua para pedir perdão às mulheres no Dia Internacional da Mulher. Foi escolhido pela revista *Época* um dos 100 brasileiros mais influentes de 2009. Foi homenageado pela escola de samba Imperatriz do Samba, que apresentou o enredo *Sergio Vaz, o poeta da periferia*. Seus primeiros livros foram edições independentes. Só foi publicado por uma editora em 2007, quando a Global lançou *Colecionador de Pedras*. Obras: 1988 – *Subindo a Ladeira Mora a Noite* (independente); 1991 – *A margem do vento* (independente); 1994 – *Pensamentos Vadios* (independente); 2007 – *Colecionador de Pedras* (Global); 2008 – *Cooperifa – Antropofagia periférica* (independente); 2011 – *Literatura, Pão e Poesia* (Global); 2016 – *Flores de Alvenaria* (Global), *Oração dos Desesperados*. Prêmios: 2011 – Trip Transformadores 2011; 2010 – Orilaxé (Grupo Cultural AfroReggae); 2007 – Unicef; Prêmio Heróis Invisíveis (Gilberto Dimenstein); Prêmio Hutúz.

acervo JL

Jarid Arraes

(Juazeiro do Norte, 12 de fevereiro de 1991) Escritora, cordelista e poeta brasileira. Vive em São Paulo, onde criou o Clube da Escrita para Mulheres. Tem mais de 70 títulos publicados em Literatura de Cordel, incluindo a coleção *Heroínas Negras na História do Brasil*. Desde a infância vive a literatura, sobretudo pela influência do seu avô, Abraão Batista, poeta, xilógrafo, escultor, ceramista, gravador e professor. E de seu pai, Hamurabi Batista, poeta, cordelista, xilógrafo e escultor. Cresceu entre manifestações de cultura tradicional nordestina, frequentando o Centro de Cultura Popular Mestre Noza. Começou a publicar aos 20 anos de idade, no blog Mulher Dialética. Colaborou em blogs e se tornou colunista da revista *Fórum*, até Fevereiro de 2016. Morou em Juazeiro do Norte/CE até 2014 e participou de coletivos regionais, como o Pretas Simoa (Grupo de Mulheres Negras do Cariri) e o FEMICA (Feministas do Cariri), o qual fundou. Além do livro *As Lendas de Dandara*, suas obras mais conhecidas são os cordéis da Coleção Heroínas Negras da História do Brasil. Também escreveu cordéis infantis, como "A menina que não queria ser princesa" e "A bailarina gorda" e "Os cachinhos encantados da princesa". Em 2018, lançou seu primeiro livro de poesia, *Um Buraco com meu Nome*, publicado pelo selo Ferina. Em 2018, seu livro *As Lendas de Dandara* foi traduzido para o francês e publicado na França, sob o título de "Dandara et les esclaves libre" pela editora Anacaona. Seu livro foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte como melhor livro da categoria contos e crônicas de 2019.

acervo JL

Octavio Paz Lozano

(Cidade do México, 31 de março de 1914 — Cidade do México, 19 de abril de 1998) fPoeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. Passou a infância nos Estados Unidos, acompanhando a família. De volta ao seu país, estudou direito na Universidade Nacional Autônoma do México. Cursou também especialização em literatura. Morou na Espanha, onde conviveu com diversos intelectuais. Viveu também em Paris, no Japão e na Índia. Em 1945, ingressou no serviço diplomático mexicano. Quando morava em Paris, viveu o movimento surrealista, sofrendo grande influência de André Breton. Em sua criação, experimentou a escrita automática, porém mais concisa e objetiva, voltada a um uso mais preciso da função poética da linguagem. Publicou mais de vinte livros de poesia e incontáveis ensaios de literatura, arte, cultura e política, desde *Luna Silvestre*, seu primeiro livro, de 1933. Poesia: 1958 – *Libertad Bajo Palabra;* 1962 – *Salamandra;* 1969 – *Ladera Este;* 1976 – *Vuelta*. Ensaios: 1950 – *El laberinto de la soledad;* 1956 – *El Arco y la Lira;* 1957 – *Las peras del olmo;* 1965 – *Cuadrivio;* 1966 – *Puertas al Campo;* 1967 – *Corriente Alterna;* 1967 – *Claude Levi-Strauss o el nuevo festín de Esopo*, entre outros.

O livro de Olavo Bilac que retorna ao leitor

Por Francelina Drummond*

Cento e vinte e oito anos depois da primeira e única edição completa, retorna ao leitor o belíssimo livro de Olavo Bilac (1856-1918), intitulado *Crônicas e Novelas* e publicado pela Editora Liberdade, de Ouro Preto.

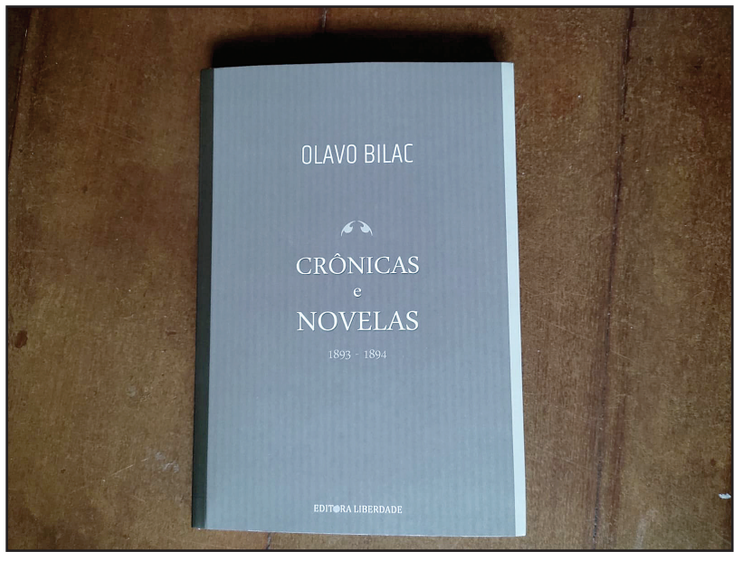
Essa obra em prosa foi escrita quando da passagem de Bilac por Ouro Preto em 1893 e publicada em 1894.

Em 1893, fugindo da perseguição do presidente Floriano Peixoto, juntamente com outros intelectuais cariocas também vítimas do Marechal de Ferro, Olavo Bilac buscou refúgio nas montanhas de Minas e viveu alguns meses em Ouro Preto e, depois, em Juiz de Fora.

A amizade com o escritor e jurista Afonso Arinos de Melo Franco, que atuava como advogado e professor do Liceu Mineiro na antiga capital de Minas, deu a Bilac o passaporte para conhecer a cidade de Ouro Preto, sua história, os arquivos e monumentos, igrejas e natureza. Bilac ficou encantado e, aos poucos, convencido de que as raízes do Brasil estavam em Minas – mais especificamente, na Vila Rica do passado que se fundia, a seus olhos, na Ouro Preto quase à época da mudança da capital. Conversou muito, teve estreito contato com o historiador Diogo de Vasconcelos em cuja casa se hospedou antes de se transferir para o Hotel Martinelli, na Rua do Paraná, com o outro historiador e jornalista José Pedro Xavier da Veiga, que então elaborava a proposta de fundação do Arquivo Público Mineiro e da respectiva Revista, com artistas e jornalistas da cidade, além de intelectuais cariocas que estavam refugiados em Ouro Preto.

Afonso Arinos os recebia em sua residência, na Rua do Paraná, em encontros que certamente contribuíram para a imersão de Bilac na história das Minas. Discutia-se a mudança da capital; Bilac foi conhecer o Curral del Rei, que sediaria o novo projeto, símbolo moderno de cidade traçada, em contraste com Vila Rica/Ouro Preto. Planejava-se a instalação do monumento a Tiradentes; criara-se em 1892 a Escola Livre de Direito de Ouro Preto. De maneira geral, as opiniões se acentuavam entre mudancistas e antimudancistas, e esse debate estava instalado na imprensa ouro-pretana. Em meio às discussões sobre mecanismos de modernização da cidade, tentativa extrema de manter a capital em Ouro Preto cheia de largas avenidas, boulevards e passeios públicos da moda, Bilac se divide: ama Vila Rica/Ouro Preto e parece, por isso, tender a que a capital se mudasse mesmo. Estava, pois, divido entre um *locus* que pedia proteção, preservação e cuidado, e uma ideia urbana nova, palpitante, grandiosa e moderna.

Olavo Bilac percorreu Ouro Preto, conduzido por Afonso Arinos, que prezava



as tradições mineiras, numa linha que o afiliava ao poeta e romancista ouro-pretano Bernardo Guimarães (1829-1884). Visitou as capelas primitivas, as mais antigas, São João, Santana, Padre Faria, caminhou pelo Morro da Queimada, pelas Lajes. Falou de Marília, de Dirceu, de Aleijadinho, dos Inconfidentes, dos pobres que trabalharam nas minas, dos morféticos, da contradição entre riqueza extrema e extrema miséria. Exultou as belezas, reparou minúcias, criticou poderosos soberbos, festas de triunfo da riqueza e da opressão.

Esses temas são tratados em *Crônicas e Novelas*. É bom ler, reler e de novo voltar a eles, na prosa muito fina, bem urdida, rica e poderosa de Olavo Bilac. Uma bela planta da cidade de Ouro Preto, de 1881, vem encartada ao livro, em cor original e traços muito firmes, como uma sinalização dos lugares que, em 1893, ele percorreu e admirou. A edição é enriquecida pelo posfácio do pesquisador e professor Antônio Dimas (USP), profundo conhecedor da obra de Bilac.

Crônicas e Novelas é uma das publicações com que a Editora Liberdade comemora o Bicentenário da Imprensa Mineira/ Ouro-Pretana (1823- 2023).

*Maria Francelina Silami Ibrahim é pesquisadora, ensaísta e editora, natural de Ouro Preto (Minas Gerais).

arte Desenharte

Por Zé Roberto
zrgrauna@hotmail.com

Fausto

Fausto Bergocce, o Fausto, é nascido no dia 18 de novembro de 1952, na cidade de Reginópolis, município de São Paulo. Autodidata, o cartunista começou sua trajetória, em 1974, no jornal *Guaru-News*, de Guarulhos, Região Metropolitana de São Paulo, aliás onde o desenhista de humor reside atualmente. Fausto colaborou também com os jornais *Folha Metropolitana* e *Metrô-News*, da mesma empresa na qual iniciou sua carreira. Em 1976, atuou na grande imprensa paulista, desenhando para *Última Hora* (edição local), além da *Folha de S. Paulo*, *Diário do Grande ABC*, *Diário Popular* e *O São Paulo* – semanário oficial da Arquidiocese do Estado de São Paulo. Passou também pela TV Cultura, quando fez parte dos Departamentos de Jornalismo e Cenografia & Arte da emissora, produzindo charges animadas para os programas Vídeo Esportes e Jornal 60 Minutos.

No ano 2000, o cartunista foi agraciado com o troféu HQ Mix – o principal prêmio das artes gráficas do Brasil – pelo livro *Sem Perder a Linha*, da editora Massao Ohno, obra eleita como o melhor livro de caricaturas daquela edição. No mesmo ano, ao ser convidado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de São Paulo, o desenhista de humor produziu um painel em homenagem aos 200 anos do Jardim da Luz, o mais antigo jardim público da cidade, obra desenhada e pintada artesanalmente, depois digitalizada e impressa em um *plotter* de 9 x 3 metros para apreciação pública.

Após não perder a linha e o traço, o cartunista continuou fazendo graça, e lançou mais 8 interessantes livros, são eles: *Esqueçam o que Ele Desenhou*, da RG Editora; *Traço Extra*, também da RG Editora; *Viva Cartum*, da Editora Paradiso; *Cândido Deodato*, da HB Editora; *A Nuvenzinha Exibida*, também da HB Editora; *Uns e Outros – Cartuns Soltos*, da Editora Kalaco; *Carlotinha e a Galerinha da Vila do Sorriso*, igualmente da Editora Kalaco; *Gataiada*, *Pré-Histórias*, e *Dó-Ré-Mi- FÁusto*, esses três mais recentes, pela editora Criativo.

Humor com Tarsila.

Participante de diversas exposições e salões de humor nacionais e internacionais, Fausto foi atração em duas importantes mostras individuais, como o evento Sem Perder a Linha, que aconteceu, em 1995, na estação do Metrô Santa Cecília, SP; e a exposição Não Foi Dhexa Vez, sobre a Copa do Mundo de 2016, que marcou presença no Salão Internacional de Humor de Piracicaba.

O leitor que tiver interesse em manter contato com o desenhista, assim como adquirir um de seus livros, pode encontrar o talentoso cartunista na Internet, pelo Facebook, bastando buscar por "fausto.bergocce", ou no Instagram, no perfil @faustobergocce. Quem procurar pelo artista no Youtube, encontrará uma divertida animação com os cartuns do desenhista em seu canal. Intitulado "Fausto Animado", o vídeo foi criado em parceria com Leandro Franco, e dura pouco mais de 7 minutos de humor de qualidade.

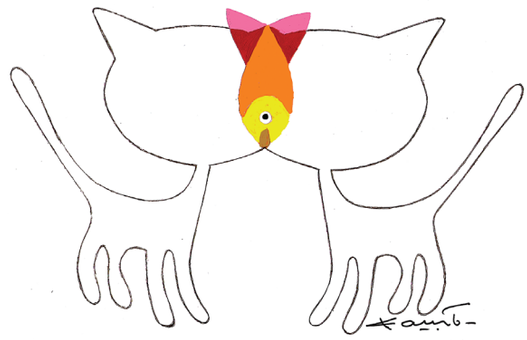
Saúde e Arte!

Inezita Barroso.

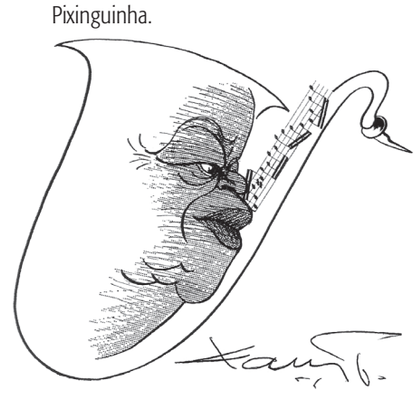
Aldir Blanc.

Messi e o tricampeonato Mundial.

Cartum.



Pixinguinha.



Pelé

Por Napoleão Valadares*

Parte agora o grande atleta,
talvez vibrando, talvez
sorrindo, como outras vezes
ele partiu para o abraço
depois do seu gol de placa.
Jogou com bola de meia,
cabeceou vida certeira,
fintando todos os vícios
e amortecendo no peito
os conselhos de Dondinho.
Titular de quatro copas,
de três delas campeão,
da Seleção artilheiro,
rei e cidadão do mundo,
teve sete bolas de ouro.
Dos homens o mais famoso,
com mil, duzentos e oitenta
e três gols, ninguém chegou
a seus pés, somente a bola,
a menina dos seus olhos.
Como goleador sem par
e o jogador mais completo
que pisou nesses gramados,
colecionou mil troféus
e foi o atleta do século.
São Pedro, sabendo disso,
convocou-o para o Céu,
e ele respondeu de pronto:
"Já vou. E começo aqui
e agora a minha arrancada."
Voz grave, pedindo a bola,
recebeu um lançamento
disparando pelo espaço,
driblou Mercúrio três vezes
e deixou Vênus pra trás.
Bateu a mão para a Terra,
jogou beijo para a Lua,
avançou, passou por Marte,
aplicou fintas em Júpiter,
saindo pela direita.
Num passe para Garrincha,
deslocou-se para o meio,
tabelando com Didi,
fez uma ginga e passou
entre Saturno e Urano.
Desviou-se de Netuno,
deu um chapéu em Plutão,
chutou, balançou a rede
e saltou, sem gravidade,
abraçando o infinito.

*Napoleão Valadares é da Academia Brasiliense de Letras.

Sobre *O Velho e o Mar*

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Nesta época do ano, os que vivemos no litoral costumamos ter mais contato com o mar – ou no mínimo, vá lá, com pessoas ocupadas nas nossas praias. Lembro-me então de um nicho literário que prezo, o dos livros que têm o mar como temática. Joseph Conrad, Jack London, Hermann Melville, Peter Benchley, autores que me vêm mais facilmente à memória. Entre inúmeras obras, lembra-me a *História Trágico-marítima*, *Tubarão*, *Moby Dick* e *O Velho e o Mar*, este último até pelo título. Mais especificamente quanto a *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, é fato que já foi muito mais prezado do que o é hoje em dia. Sendo-me solicitada há meses por um clube literário uma apreciação a respeito, arrisquei-me em algumas notas que agora aproveito para condensar.

À primeira vista, *O velho e o mar* se parece com uma história de pescaria. Uma pescaria que não deu muito certo. Perdoem-me tentar resumi-lo: um velho pescador sai na sua canoa, consegue fisgar um grande peixe (um espadarte), e retorna ao porto dias depois apenas com a carcaça, pois a carne fora comida pelos tubarões. Eis aí a trama do livro. Mas o que faz esse livro, com uma trama tão simples, memorável, setenta anos depois da publicação? Recordemos que *O Velho e o Mar* deu a Ernest Hemingway dois dentre os mais prestigiosos prêmios literários do mundo: o Pulitzer, em 1953, e o Nobel, em 1954.

Contextualizando: depois de estrondosos sucessos com a publicação de *O Sol Também se Levanta*, de 1926, de *Adeus às Armas*, de 1929 e de *Por quem os Sinos Dobram*, de 1940, o autor vinha de um relativo fracasso literário: o livro *Do Outro Lado do Rio e entre as Árvores*, de 1950 – aliás, o primeiro depois de *Por quem os Sinos Dobram*. A crítica foi impiedosa com a obra, que trata de um coronel norte-americano às voltas com uma jovem condessa, sendo que Hemingway estava ele mesmo às voltas na época com problemas amorosos. Em suma, o livro foi considerado uma autoparódia e a carreira literária de seu autor declarada acabada pela crítica.

Neste contexto adverso é que foi publicado *O Velho e o Mar*. Na essência, a novela enfoca o homem em sua relação com a natureza, como é o caso também de *Moby Dick*, de Herman Melville. Em ambos os livros a natureza exige muito do homem no seu trato com ela: desafiando-o bestialmente através da baleia branca de Melville, testando-lhe até o limite a resiliência, através do grande espadarte de Hemingway. Metáforas marinhas para tratar da condição humana.

Recordemos que *O Velho e o Mar* foi publicado em 1952, sete anos após o fim da que fora a maior guerra travada até então. Como outros escritores de sucesso, Hemingway testemunhou e escreveu sobre a humanidade em seus momentos mais dramáticos, os tempos de guerra – é o caso de *Adeus às Armas*, passado na Guerra Civil Espanhola. Já *O velho e o mar* tem tudo a ver com os tempos de pós-guerra, com sobrevivência e recomeço, pois trata do confronto exitoso do homem com os próprios limites.

Portanto, o que nos deixa *O Velho e o Mar* é acima de tudo uma mensagem de fé no homem e na sua capacidade de ir além dos limites que as circunstâncias lhe impõem. Se essa mensagem foi alentadora naquele contexto, de reconstrução de tudo nos anos do pós-guerra, o fato é que ela se mostra hoje verdadeiramente atemporal.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro titular do PEN Clube do Brasil.

Novos Lançamentos

Divã

O *Diário* vai além da experiência de uma boa leitura, nos dando a oportunidade de colocar em prática os poderosos ensinamentos da psicoterapeuta. Com ilustrações cativantes, páginas para colorir reflexivas, check-ins de gentileza, avaliações de progresso e um recado pessoal de Lori, este diário oferece uma experiência única. *Em Talvez Você Deva Conversar com Alguém*, Lori nos mostrou como é estar dos dois lados do sofá, compartilhando sua vivência como terapeuta e paciente, com doses de humor afetuoso, sabedoria e honestidade. Na sequência, com o Workbook, ela criou um guia com lições valiosas e um passo a passo para olharmos para o passado e reescrevermos nossa história de vida de uma forma mais autêntica. Agora, ela nos oferece o Diário, no qual propõe um tema a cada semana, como faz nas suas sessões de terapia, para que cada linha escrita seja um passo essencial para uma mudança duradoura em nossa trajetória. Lori Gottlieb é psicoterapeuta e autora best-seller do *New York Times* de *Em Talvez Você Deva Conversar com Alguém*, que já vendeu mais de um milhão de cópias e atualmente está sendo adaptado como uma série de televisão. Além de sua prática clínica, ela é coapresentadora do popular podcast "Dear Therapists", produzido por Katie Couric, e escreve a coluna semanal "Dear Therapist", da revista *The Atlantic*. É presença recorrente em programas como *The Today Show, Good Morning America, CBS This Morning*, CNN e *Fresh Air*, da NPR. Sua palestra TED foi uma dos 10 mais assistidas do ano.

Belas fatais

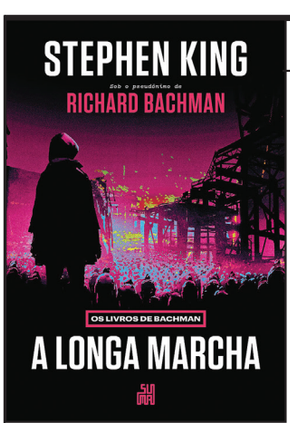
Rainha do Escândalo (Editora Gutemberg) de Sarah MacLean, estreia a tetralogia em grande estilo, nos apresentando Lady Sesily Talbot, uma heroína ousada e impetuosa, capaz de se livrar de um canalha ou seduzi-lo em uma única noite. Depois de anos vivendo como uma das mulheres mais escandalosas de Londres, Sesily abraçou sua reputação para usufruir da liberdade de atrair cavalheiros para jardins escuros, sem que ninguém percebesse do que se tratavam esses encontros. Impossível não querer saber o desenrolar dessa história, que é só o começo de uma coleção absolutamente imperdível. Sarah MacLean passou grande parte de sua infância entre os livros da biblioteca da cidade onde nasceu, Lincoln, Rhode Island. Formou-se em História e em Antropologia Cultural pela Smith College, e em Educação pela Universidade Harvard, antes de se mudar para Nova York, onde escreveu seu primeiro livro. No início de 2012, lançou a série pré-vitoriana *O Clube dos Canalhas*, cujo livro *Entre o Amor e a Vingança* recebeu, em 2013, o Prêmio RITA. O terceiro volume da mesma série, *Entre a Ruína e a Paixão*, ganhou o RITA em 2014. Quando não está escrevendo romances, viaja pelos Estados Unidos para discutir sua posição nos estudos culturais e de gênero. É colunista no jornal estadunidense *The Washington Post*, e também tem colunas publicadas no *The New York Times* e na revista *Parents*. Sarah vive em Nova York com o marido, a filha, o cachorro e uma coleção gigantesca de romances.

Galinho de Quintino

A história de todos os gols de Zico (Editora Tinta Negra), esculpido pela tríade de rubro-negros Bruno Lucena (*in memorian*), Marcelo Abinader e Mário Helvécio, que a partir de agora é licenciado pelo Flamengo, descreve os incríveis números da carreira de um dos maiores jogadores de futebol do mundo. Após exaustivas e complexas pesquisas nacionais e internacionais, os autores contam a história de Arthur Antunes Coimbra, o Zico, com o futebol, saboreando cada gol marcado pelo "Galinho de Quintino" como se estivessem a beber um bom vinho. Nesse caso, taças, com ou sem trocadilho, certamente não faltarão. Das peladas de rua ao título de um dos maiores artilheiros da história do Brasil e um dos maiores símbolos do futebol mundial, o craque que marcou gerações tem sua carreira relembrada nessa obra que enumera os gols feitos na escolinha, no juvenil e no profissional, com datas, locais e adversários mencionados em ordem cronológica. Cada capítulo é um ano da história da vida profissional do jogador e, para o deleite do leitor, além da relação de gols, os autores apresentam também, estatísticas, rankings, curiosidades e afins. Com prefácios do jornalista e escritor Marcos Eduardo Neves, George Helal e do Maestro Junior, o livro tem imagens belíssimas e uma narrativa empolgante, capaz de nos transportar a campo ao descrever a destreza de Zico ao colocar a bola nas redes: de falta, rolando, pênaltis, cabeça, calcanhar, de letra e até de bunda, sem querer.

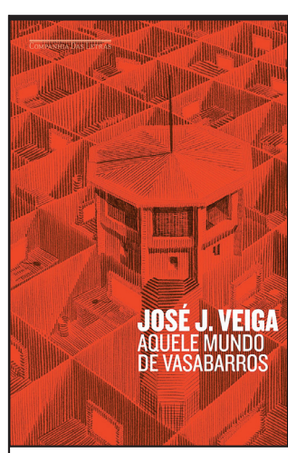
Loucuras

Desde já prevenimos o leitor: ninguém sai de um hospício do mesmo jeito que entrou. Hospício é lugar de deslocamento e transformação. É preciso coragem e empatia para entrar e para compreender o que se vê. *A Origem da Água* (Editora Confraria do Vento), de Ana Cristina Braga Martes, constrói essa empatia, e não para heroificar nem glamourizar a loucura ou os loucos, mas para mostrar que estão muito distantes e muito próximos de nós e que são capazes de expressar uma pulsão criativa incomum. Nesse lado salutar e vibrante daqueles que ainda hoje são tão incompreendidos, a vida e a inventividade transbordam. O mistério da origem da água na terra é comparável ao mistério da loucura. Sobre um e outro, sabemos muito pouco. A protagonista deste livro, inspirada na escritora Maura Lopes Cançado, se internou voluntariamente num hospício aos 25 anos de idade. Criança ousada e brilhante, nascida em uma família patriarcal mineira no início do século XX, ela cresceu querendo estudar, trabalhar, escrever e desfrutar de uma vida sexual livre de provincianismos; ousou, assim, participar de um mundo dominado pelos homens. Nesse universo, mulheres não eram bem-vindas e dificilmente obtinham reconhecimento, mesmo quando conseguiam romper barreiras quase intransponíveis. Mesclando com sutileza ficção e realidade, sua autora tangencia eventos significativos da biografia de Maura, ficcionalizando com maestria passagens de sua vida e um mundo interior de rara riqueza tanto biográfica como literária.



Sem parar

Um livro impossível de largar, *A Longa Marcha* é uma narrativa distópica sobre uma competição em que os participantes não têm mais nada a perder, além da própria vida. O romance inaugura a nova coleção da Editora Suma, que reúne os livros de Richard Bachman, pseudônimo que Stephen King usou entre 1977 e 1985 para assinar histórias angustiantes e surpreendentes. Contrariando a vontade da mãe, o jovem Ray Garraty está prestes a participar da famosa prova de resistência conhecida como *A Longa Marcha*, que presenteia o vencedor com "O Prêmio" – qualquer coisa que ele desejar, pelo resto da vida. No percurso anual que reúne milhares de espectadores, cem garotos devem caminhar por rodovias e estradas dos Estados Unidos acima de uma velocidade mínima estabelecida. Para se manter na disputa, eles não podem diminuir o ritmo nem parar. Cada infração às regras do jogo lhes confere uma advertência. Ao acumular mais de três penalidades, o competidor é eliminado – de forma "permanente". E não há linha de chegada: o último a continuar de pé vence. Dentre outros livros assinados pelo autor, estão *A Autoestrada* (1981) e *O Concorrente* (1982). Em 1987, o romance de Bachman *The Running Man* inspirou o filme de Paul Glaser com o mesmo nome. King insistiu que seu nome não constasse nos créditos, e o crédito de tela para o filme foi para Richard Bachman.



Castas sociais

Sétimo livro do autor, *Aquele Mundo de Vasabarros* foi lançado em 1982 e recebeu, no ano seguinte, o prêmio Jabuti na categoria romance. A trama faz parte do que especialistas identificam como "ciclo sombrio" de José J. Veiga: depois de *A Hora dos Ruminantes* (1966), *Sombra de Reis Barbudos* (1972) e *Os Pecados da Tribo* (1976), esta obra do escritor goiano retorna a um cenário oprimido por poderes atrozes e descomunais. Sob o regime dos Simpatia – família no poder há sete séculos –, Vasabarros é uma cidade triste, cinza e hostil. Sua população se divide em andares, que reproduzem a estratificação social: no primeiro nível, estão os funcionários do primeiro escalão; no segundo, vivem os membros da Simpatia e, no terceiro, moram os pobres e marginalizados. Lá, a submissão parece ser a única forma de sobrevivência. Mistura de distopia e de resposta à brutalidade da ditadura, Vasabarros é alegoria de uma sociedade dominada pela burocracia e pelo autoritarismo. Lá, as regras são seguidas a ferro e fogo, e as palavras de ordem são vigilância, hierarquia, punição e temor. Sob o regime da família Simpatia, em Vasabarros, há também os merdecas e mijocas, alcunha para os vigias e oficiais responsáveis pela manutenção da disciplina. *Aquele Mundo de Vasabarros* de J.J. Veiga sai agora em 2023 pela égide da Companhia das Letras com capa de Kiko Farkas.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Carnaval e cinzas na poesia de Manuel Bandeira

Por Raquel Naveira*

Manuel Bandeira (1886-1968) soube mesclar tradição literária e ruptura, passado e presente, em sua obra poética. Em 1917, após uma luta feroz contra a tuberculose, que o impedira de estudar arquitetura e o tornara um jovem deprimido, quase inválido, publica *A Cinza das Horas*, um dos marcos fundamentais do Modernismo. Lirismo forte, espontâneo, vindo de fontes íntimas. Cinzas de mágoa, de ressentimento, de morbidez banhada por um simbolismo tardio. São cinquenta poemas de desencanto, de desalento, de horas ardentes das quais restaram cinza fria ("Esta pouca cinza fria...). De amor que era chama e se transformou em fumaça ("O fumo vem, a chama passa...).

Em 1919, surge *Carnaval,* que consolida o caráter inovador de sua poesia. Trinta e três poemas de evocação a Baco, satânica, misto de júbilo e dor. Bandeira mergulha no clima da *Commedia dell'Arte*, estilo teatral nascido no século XVI, uma sátira de costumes muito popular na Itália. As peças eram apresentadas nas ruas e praças, em carroças. Saltam os personagens de um triângulo amoroso: Pierrô que ama Colombina, que ama Arlequim, que também deseja Colombina. Pierrô é o palhaço triste, apaixonado, com ar lunático. Veste-se de roupas largas e brancas, o rosto pintado de alvaide de chumbo branco, com uma lágrima desenhada na face. O Arlequim é o palhaço espertalhão, malandro, divertido, carismático, debochado. Faz movimentos acrobáticos, usa roupa de losangos coloridos. Colombina, a Pombinha, é criada da filha do avarento Pantaleão, um tirano mercador de Veneza. É uma moça bela, quase tão refinada quanto sua ama. Alegre, fútil, sedutora, volúvel. Sabe dançar e enfeitiçar. Seu coração pertence ora a Pierrô, ora a Arlequim ("Que essa metade é talvez todo amor/ De Colombina). E Bandeira visualiza em seus versos febris, ofegantes, sintéticos, o drama bufo das consciências dilaceradas. No longo "Canção das Lágrimas de Pierrô", numa sala de espelhos que brilham com lustres de dez mil velas multicores, o Pierrô entra num salto súbito. Todos se espantam com suas piruetas e com a paixão com que toca um alaúde até arrebentar as cordas. Há sangue em seus dedos. Fúria de rejeição ("Negaste a pele macia/ à minha linda paixão!). De repente, o palhaço que estava de rastros, pula, eleva-se tão alto como se fosse "romper a esfera dos astros". Em "Pierrô Branco", o bobo palhaço mostra a fonte esquálida, mortificada de insônias, cintilando como "chama pálida, de pálida, pálida mica..."). Como Bandeira ama reforçar seus pensamentos com o recurso da repetição de uma palavra. Em "Arlequinada", Pierrô pergunta a Colombina a sua idade. Ela lhe parece uma criança frágil, delicada, franzina, de seios pequeninos e inocentes. Pierrô pede perdão pela ousadia de cantar seus encantos de menina. Já o "Pierrô Místico" procura inutilmente no leito os abraços de Colombina e constata que a "volúpia é bruma que esconde abismos de melancolia". Na pele de "Pierrette", o poeta toma a voz de Colombina. Ela busca, num ardil, alguém com alma decadente e degenerada, que lhe traga um filtro erótico e suplica: "– Vem, meu Pierrô, ó minha sombra." O Carnaval continua em seu ritmo frenético até chegar ao "Sonho de uma Noite de Terça-Feira Gorda". Os amantes caminhando pelas ruas, entre a turba, mascarados com fantasias de dominós negros. E "Assim, de negro, assim por fora inteiramente de negro/ Dentro de nós, ao contrário, era tudo claro e luminoso." A "Quarta-Feira" vem com suas cinzas. Um Pierrô doloroso passa com sua túnica feita de sonho e desgraça. No poema "Epílogo", que fecha o livro, o poeta confessa que gostaria de compor um Carnaval subjetivo, fresco, cheio de amor e mocidade, como o do poema de Schumann, mas, quando acabou, o seu poema tinha a "morta cor da senilidade e da amargura...". "Um Carnaval triste, sem nenhuma alegria."

Rememoremos a linha do tempo: em 1917, Manuel Bandeira, chamado de "São João Batista do Modernismo", publica *A Cinza das Horas*. Em 1919, *Carnaval*. Em 1921, após alguns anos de intensa correspondência sobre arte e estética, conhece pessoalmente Mário de Andrade (1893-1945), o "Papa do Modernismo". Esses livros entusiasmaram toda a geração paulista. Em 1922, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, acontece a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, pronta a romper com os padrões artísticos vigentes. Nesse mesmo ano, Mário de Andrade lança *Pauliceia Desvairada*, vinte e dois poemas curtos, exaltando segmentos de São Paulo ("Anhangabaú", "Rua de São Bento", "Tietê"...), de versos livres, introduzindo as revolucionárias ideias vanguardistas. A capa do livro: losangos coloridos como a veste do Arlequim ("Arlequinal... Trajes de losangos... Cinza e ouro... Luz e bruma..."). E ainda no poema "Inspiração", o grito estonteante, duas vezes repetido: "São Paulo! Comoção de minha vida..." Temos claramente Mário de Andrade influenciado por Bandeira e seu palco de figuras dramáticas.

Cinzas, Carnaval, Arlequinal. Manuel Bandeira e Mário de Andrade, verso e reverso da medalha. Vejo, de repente, sobre o asfalto, um chapéu de guizos nas pontas, atirado com força sobre a realeza da Poesia.

*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.

Missiva para Nélida Piñon

Por Diego Mendes Sousa*

"A poesia é uma espécie de regresso a casa". **Paul Celan**

Poeta,
teu destino
é golpeado
à faca!

Os teus sonhos
perdem-se
à tinta
dessa página
já esquecida
e enxovalhada.

A vida

(o teu próprio
ser amargo
e nevoento)

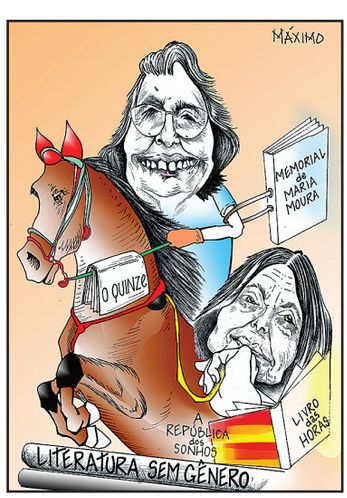
é traçada
à mão.

E a morte?

Às gargalhadas
sopra os sinos
do nada
no rasgo
da ilusão.

E o tempo?
Esse abismo
no labirinto
do vento.

Esse pássaro
ambíguo
à espreita
sempre
dos teus
vacilos!



O corpo
à mostra
ainda sangra
a prece dolorida
dos presságios.

E a poesia
aparece aqui
e ali
à toa
e inesperada
cara a cara
com os teus
fantasmas.

Face a face
com a tua
alma.

O autor do poema com Nélida Piñon.

*Diego Mendes Sousa é membro do PEN Clube do Brasil.

Particularidades da nossa língua

Por José Augusto Carvalho*

Há muitas curiosidades a respeito do português nas várias regiões em que é falado. Uma boa ideia dessas curiosidades está na coletânea *Estudos Linguísticos Crioulos* – reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, com introdução e notas de Jorge Morais-Barbosa (Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967).

Só para exemplificar: na página 62 dessa antologia, que corresponde às páginas 167 e 168 do Boletim *Os Dialectos Românicos ou Neolatinos na África, Ásia e América*, de autoria de Adolpho Coelho, nela integralmente reproduzido, há a informação de que, no português de Macau, o plural se forma pela repetição: *criança criança* ("crianças"), *sium sium* ("senhores"), *amigo amigo* ("amigos"). Os tempos verbais se formam com um advérbio seguido do infinitivo: o futuro, com *logo*; o passado, com *já*: *logo ficá* ("ficará"), *já principiá* ("principiou"). O presente se exprime com o infinitivo ou com *tá* ("estar"), em todas as pessoas: *tá fazê* ("eu faço, tu fazes, ele faz"), *tá andá* ("ando"), *tá falá* "(falo") entre outras curiosidades deliciosas.

Paul Teyssier, no livro *História da Língua Portuguesa* (tradução de Celso Cunha. 4ª Ed. Lisboa: Sá da Costa, 1990, p. 96) cita uma construção passiva curiosíssima, típica e popular da gente humilde de Luanda, Angola, extraída de um estudo de Michel Laban (*L'oeuvre littéraire de Luandino Vieira*, tese de doutorado, Paris: Sorbonne, 1959, datilografada): *O João, lhe bateram na mãe dele. João* é o paciente; *mãe* é o agente. No português lisboeta ou carioca, essa frase se traduz mais ou menos assim: João foi surrado pela mãe. Mudei *bater* para *surrar* porque o verbo *bater* com complemento introduzido pela preposição *em* (transitivo indireto) não poderia ter equivalente passivo adequado.

No meu livro *Estudos sobre o Pronome* (Brasília: Thesaurus, 2016, p. 36-37), cito o poema "Mudança de tratamento", de Bastos Tigre, em que o poeta dialoga com a mulher amada primeiro usando *Vossa Excelência*, depois *a senhora*, depois *você* e, finalmente, *tu*, do mais formal para o menos formal, dando a impressão de que, no dialeto carioca, o pronome *tu*, à época da publicação do livro de onde foi extraído o poema (*Poesias humorísticas*. Rio de Janeiro: Flores & Manos, 1933), era mais familiar e mais íntimo do que o pronome *você*. Se essa diferença entre *tu* e *você* realmente existiu, fica difícil determinar por que e quando essa diferença deixou de existir.

Curiosa também é a concordância que teria existido no português seiscentista do particípio com o objeto direto, existente no francês atual, como, por exemplo, na frase: *J'ai déchiré la lettre que j'ai* écrite ("Rasguei a carta que escrevi", em que se observa a concordância do particípio *écrite* com o feminino *lettre*, anteriormente citado; o particípio *déchiré* não concorda com o objeto, porque este vem depois do verbo).

Assim, em *Os Lusíadas*, verso, 47, lê-se: "Depois de ter pisada longamente / Cos delicados pés a areia ardente." O particípio *pisada* está concordando em gênero e número com o objeto direto *areia ardente*. Se essa concordância realmente existiu, certamente não terá sido influência do francês, porque, ao contrário do exemplo francês citado, o particípio em *Os Lusíadas* concorda com o objeto que vem depois.

Não sei o quanto já sabemos sobre a nossa língua, mas sei que há muito ainda a aprender sobre ela...

*José Augusto Carvalho é doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

JOVENS ENTRE O PALIMPSESTO E O HIPERTEXTO

Jesús Martín-Barbero (textos)
Carles Feixa e Mònica Figueras-Maz (org.)

Esta coletânea reúne artigos e conferências do antropólogo e filósofo Jesús Martín-Barbero, considerado o precursor dos estudos culturais latino-americanos.

Produzidos entre fins da década de 1990 e meados dos anos 2010, os textos acompanham o período da popularização em alcance mundial das novas tecnologias informacionais e expõem a violenta realidade dos jovens colombianos, que em diversos aspectos extrapola as fronteiras e se assemelha com a realidade das juventudes dos países vizinhos, entre eles o Brasil.

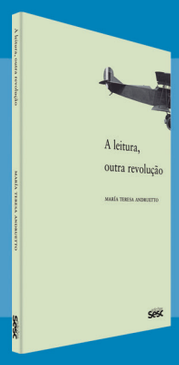
De acordo com a pesquisadora mexicana Rossana Reguillo, que assina o epílogo, Martín-Barbero relaciona e, em certa medida, antevê certas mudanças históricas, nas quais "os jovens se transformam em pioneiros num mundo para o qual os adultos não dispõem das chaves necessárias".

VEJA TAMBÉM

MANIFESTO PELA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA
David Buckingham

POLÍTICA, DESEJOS E VIDEOGAME The Playstation Dreamworld
Alfie Bown

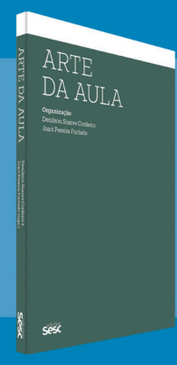
SOCIOFOBIA Mudança política na era da utopia digital
César Rendueles



A LEITURA, OUTRA REVOLUÇÃO
María Teresa Andruetto

O LEITOR COMO METÁFORA O viajante, a torre e a traça
Alberto Manguel

NOTAS PARA UMA DEFINIÇÃO DO LEITOR IDEAL
Alberto Manguel



ARTE DA AULA
Denilson Soares Cordeiro e Joaci Pereira Furtado

sescsp.org.br/edicoes
/edicoessescsp
edições Sesc